

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO  
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ROGÉRIO PACHECO BRAS**

**CUBA: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA  
NACIONAL (1898-1991)**

**Sant'Ana do Livramento**

**2024**

**ROGÉRIO PACHECO BRAS**

**CUBA: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA  
NACIONAL (1898-1991)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em  
Relações Internacionais pela  
Universidade Federal do Pampa –  
UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Balardim

**Sant'Ana do Livramento**

**2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B823c Bras, Rogerio Pacheco

Cuba: desafios e transformações na construção da  
autonomia nacional (1898-1991) / Rogerio Pacheco Bras.  
85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Pampa, RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS, 2024.

"Orientação: Rafael Balardim".

1. Cuba. 2. Revolução. 3. Guerra Fria. 4.  
Socialismo. 5. URSS. I. Título.

**ROGÉRIO PACHECO BRAS**

**CUBA: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA  
NACIONAL (1898-1991)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Relações Internacionais pela  
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Balardim

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 28 de junho de 2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rafael Balardim  
Orientador  
UNIPAMPA

---

Prof. Dr. Rafael Vitoria Schmidt  
UNIPAMPA

---

Prof. Dr. Fábio Regio Bento  
UNIPAMPA

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a mim, como recordação de uma linda fase vivida.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de expressar profunda gratidão a mim mesmo por ter tido a perseverança e determinação para enfrentar os desafios ao longo desta jornada. Agradeço imensamente à minha família, cujo apoio incondicional e compreensão foram fundamentais enquanto eu saía de casa às 7:30h e retornava às 23h, dedicando todo o meu dia à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Sem o suporte deles, não teria sido possível alcançar meus objetivos acadêmicos.

Expresso também minha sincera gratidão aos meus estimados professores, cuja paciência e dedicação foram inestimáveis, orientando-me e auxiliando-me da melhor maneira possível em minha trajetória acadêmica. À Unipampa, minha alma mater, dirijo meu mais profundo agradecimento por proporcionar-me experiências únicas e conectar-me a pessoas igualmente únicas, cuja influência levo comigo para o resto da vida.

Sou imensamente grato ao PAMPEANO por ser uma fonte inesgotável de aprendizado e oportunidades ao longo de minha jornada universitária. Os triunfos que alcancei através desse projeto, especialmente ao presenciar a gurizada ingressando no ensino superior, são verdadeiramente inestimáveis. O projeto Las Ventanas de Mis Ojos, uma criação minha que deixará sua marca nos corredores da Unipampa, é motivo de profundo agradecimento por sua contribuição para enriquecer a arte e cultura no ambiente universitário.

Agradeço amorosamente a todas as pessoas que foram essenciais nesta jornada: Kevlin Roxani, Lurian Ramos, Maitê Guimarães (minha parceira incansável em projetos, ideias e muito trabalho), Maitê Estrade, Nuria Souza (com quem compartilhei conversas profundas e enriquecedoras), Tulio, Vitor Kino, Yasmin Gonela, Fabrine Dummer (companheira das minhas melhores lembranças de faculdade), Carol Batista, Carol Freire, Maiara Nogueira, Pathy Olegário, Thomas Otto, João Pedro Lazarotto, Nicole Nick, minha eterna amiga Leona (Luan Augusto) e Thierry.

Um agradecimento especial é dedicado ao meu orientador querido, Ballardim. Obrigado por dedicar seu tempo, por me incentivar e acreditar em mim e no meu trabalho. Sua excelência como profissional é igualada apenas pela sua generosidade como ser humano, amigo e mentor. Agradeço por sua orientação ao longo desses

quase dez anos, mostrando minha própria capacidade e incentivando-me a alcançar meus objetivos. Sobretudo, agradeço por seu apoio inabalável a cada ideia de projeto de extensão que eu propus.

A importância de um docente apoiar projetos de extensão e alunos com iniciativas diversas transcende o contexto universitário, permeando as trajetórias pessoais e profissionais dos estudantes. Ao encorajar e sustentar a realização de projetos extracurriculares, os professores não apenas cultivam habilidades práticas e criativas nos alunos, mas também fomentam um ambiente de inovação e compromisso com a comunidade acadêmica e além dela. O respaldo de um orientador em iniciativas fora da sala de aula não apenas fortalece a autoconfiança do aluno, mas também alimenta um senso de propósito e responsabilidade social, preparando-os para enfrentar desafios complexos no futuro. Além disso, essa abordagem amplia os horizontes educacionais, enriquecendo a experiência universitária com oportunidades de aprendizado prático e interdisciplinar, que são fundamentais para o desenvolvimento integral do estudante.

Portanto, seu apoio a todos meus projetos de extensão e iniciativas diversas não é apenas uma demonstração de comprometimento com a educação, mas também um investimento no crescimento pessoal e profissional de cada um de nós, alunos, e na construção de uma sociedade mais dinâmica e inclusiva.

## **EPIGRAFE**

*Yo soy un hombre sincero  
De donde crece la palma, Y antes de morirme quiero*

*Echar mis versos del alma.*

*Yo vengo de todas partes, Y hacia todas partes voy:*

*Arte soy entre las artes, En los montes, monte soy.*

*Yo sé los nombres extraños*

*De las yerbas y las flores, Y de mortales engaños, Y de sublimes dolores.*

*Yo he visto en la noche oscura*

*Llover sobre mi cabeza*

*Los rayos de lumbre pura*

*De la divina belleza.*

*Alas nacer vi en los hombros*

*De las mujeres hermosas:*

*Y salir de los escombros*

*Volando las mariposas.*

**Versos Singelos | José Martí**

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise do processo de conquista da independência de Cuba ao longo de um período específico da história, focando especialmente nas décadas que vão do final do século XIX até a dissolução da União Soviética no final do século XX. O objetivo principal é traçar um paralelo dos desafios e transformações resultantes de um processo de independência tardio, buscando compreender o papel da revolução e as estratégias adotadas para consolidar a autonomia cubana. A pesquisa inicia com o contexto do final do século XIX, quando Cuba buscava se libertar do status colonial e alcançar independência e soberania, mas se viu influenciada pela hegemonia dos Estados Unidos na região. A Revolução Cubana de 1959 foi um marco decisivo, com a ascensão de Fidel Castro ao poder e a implementação de políticas socialistas. A Guerra Fria é fundamental para entender as complexas relações internacionais envolvendo Cuba e a União Soviética. Durante esse período, Cuba se tornou um aliado estratégico da URSS, recebendo apoio econômico, militar e político, que teve profundos impactos socioeconômicos na sociedade cubana. A década de 1980 viu um aprofundamento dessas relações em várias esferas. A crise e posterior dissolução da União Soviética nos anos 1990 representaram um ponto de virada significativo para Cuba. A pesquisa examina como o país lidou com as consequências desse cenário e reforçou a sua autonomia em um novo contexto geopolítico global. Assim, este estudo oferece uma análise abrangente e detalhada dos eventos históricos e das dinâmicas políticas e econômicas que moldaram o caminho da ilha cubana ao longo do período estudado.

**Palavras-chave:** Cuba; URSS; Revolução; Socialismo; Guerra Fria.

## RESÚMEN

El presente trabajo propone un análisis del proceso de conquista de la independencia de Cuba a lo largo de un período específico de la historia, centrándose especialmente en las décadas que van desde finales del siglo XIX hasta la disolución de la Unión Soviética a finales del siglo XX. El objetivo principal es trazar un paralelo de los desafíos y transformaciones resultantes de un proceso de independencia tardío, buscando comprender el papel de la revolución y las estrategias adoptadas para consolidar la autonomía cubana. La investigación comienza con el contexto de finales del siglo XIX, cuando Cuba buscaba liberarse del estatus colonial y alcanzar independencia y soberanía, pero se vio influenciada por la hegemonía de Estados Unidos en la región. La Revolución Cubana de 1959 fue un hito decisivo, con la ascensión de Fidel Castro al poder y la implementación de políticas socialistas. La Guerra Fría es fundamental para entender las complejas relaciones internacionales que involucran a Cuba y la Unión Soviética. Durante este período, Cuba se convirtió en un aliado estratégico de la URSS, recibiendo apoyo económico, militar y político que tuvo profundos impactos socioeconómicos en la sociedad cubana. La década de 1980 vio un fortalecimiento de estas relaciones en diversas esferas. La crisis y posterior disolución de la Unión Soviética en los años 1990 representaron un punto de inflexión significativo para Cuba. La investigación examina cómo el país enfrentó las consecuencias de esta situación y fortaleció su autonomía en un nuevo contexto geopolítico global. Así, este estudio ofrece un análisis completo y detallado de los eventos históricos y las dinámicas políticas y económicas que moldearon el camino de la isla de Cuba a lo largo del período estudiado.

**Palabras-clave:** Cuba; URSS; Revolución; Socialismo; Guerra Fría.

## **LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS**

ALPRO - Aliança Para o Progresso

CIA - Agència Central de Inteligncia (sigla em inglés)

EUA - Estados Unidos da América

EXCOM - Executive Committee of the National Security Council

ICBM - Intercontinental Ballistic Missile

M-26/07 - Movimento Vinte e Seis de Julho

OEA - Organizao dos Estados Americanos

ONU - Organizao das Naos Unidas

OTAN - Organizao do Tratado do Atlântico Norte

PCUS - Partido Comunista da União Soviética

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 - Localização de Cuba no Caribe e em relação aos EUA

Figura 2 - Assalto ao Quartel Moncada em 1953

Figura 3 - Fidel Castro na prisão em julho de 1953 após o Assalto ao Quartel Moncada

Figura 4 - Trajeto realizado pelo grupo de guerrilheiros

Figura 5 - Comboio soviético perto de San Cristóbal

Figura 6 - Mapa apresentado na primeira sessão do EXCOMM, mostrando o alcance dos mísseis nucleares soviéticos sendo instalados em Cuba

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2. REVOLUÇÃO, SOCIALISMO E MARXISMO EM FACE À TEORIA SISTÊMICA DURANTE A GUERRA FRIA .....</b>	<b>18</b>
<b>3. CUBA: DA SUBMISSÃO À LIBERDADE .....</b>	<b>29</b>
<b>3.1. Análise Histórica do início do Século XX .....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 O grande período de Revolução (1953-1959) .....</b>	<b>38</b>
<b>4. DA ALIANÇA À QUEDA: OS REFLEXOS DE UMA CUBA ALIADA À URSS .....</b>	<b>52</b>
<b>4.1. A Aliança .....</b>	<b>52</b>
<b>4.2 A Queda .....</b>	<b>62</b>
<b>4.3 Novas perspectivas .....</b>	<b>71</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>77</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A análise da história e das relações internacionais de Cuba demonstra um papel fundamental no entendimento das dinâmicas geopolíticas globais. Neste trabalho, propõe-se examinar o percurso histórico de Cuba desde sua independência até as relações com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), bem como a posterior ruptura desse relacionamento e sua importância para as relações internacionais contemporâneas. Este estudo visa contribuir para uma compreensão mais profunda dos processos econômicos e sociais que nortearam a trajetória cubana e influenciaram as relações internacionais na região, em busca de um processo de autonomia para o país.

A independência de Cuba, conquistada no final do século XIX após séculos de domínio espanhol, foi seguida por um período de instabilidade política e intervenção estrangeira, em especial dos Estados Unidos da América (EUA). Apesar dos esforços para estabelecer uma democracia estável, o país enfrentou desafios contínuos. O desenvolvimento econômico foi marcado pela dependência de culturas agrícolas de exportação, como o açúcar, além da influência significativa de interesses estrangeiros, especialmente dos EUA.

A partir da década de 1960, Cuba estreitou laços com a União Soviética, em busca de apoio econômico e militar para fortalecer sua revolução socialista e resistir às pressões dos Estados Unidos. Essa aproximação resultou em uma aliança estratégica entre os dois países, com Cuba recebendo ajuda econômica, assistência técnica e apoio militar da União Soviética. No entanto, essa relação também trouxe desafios, incluindo tensões regionais e internacionais. A ruptura do apoio soviético a Cuba foi um ponto de virada importante na história do país e nas relações internacionais. Com o colapso da União Soviética em 1991, Cuba enfrentou uma crise econômica e uma série de desafios políticos e sociais decorrentes da perda de seu principal aliado e fonte de fomento. Essa ruptura teve reflexos significativos não apenas para Cuba, mas também para a região do Caribe e para o equilíbrio geopolítico global.

Durante a Guerra Fria, o confronto ideológico entre os EUA e a União Soviética delineou-se não apenas no campo político e militar, mas também no âmbito teórico-conceitual. Nesse contexto, a análise das teorias revolucionárias, socialistas e

marxistas evidencia as diferentes perspectivas sobre o papel do Estado, a propriedade dos meios de produção e a organização social. Enquanto o marxismo propunha uma revolução proletária como via de transição para o socialismo, a teoria sistêmica enfatizava a estabilidade do sistema capitalista e a necessidade de reformas graduais. Esse embate teórico influenciou as políticas domésticas e internacionais dos países envolvidos, moldando estratégias diplomáticas, alianças e conflitos armados.

A compreensão das dinâmicas políticas e sociais durante a Guerra Fria requer uma análise aprofundada das correntes ideológicas que permearam esse período. O confronto entre o ocidente capitalista, liderado pelos EUA, e o Bloco Comunista, liderado pela União Soviética gerou não apenas tensões geopolíticas, mas também debates teóricos sobre o papel do Estado e a organização da sociedade. Enquanto o marxismo buscava a superação do capitalismo por meio da revolução proletária e da instauração de um regime socialista, a teoria sistêmica defendia a adaptação gradual do sistema às demandas sociais, visando a estabilidade e o desenvolvimento econômico. Essas perspectivas opostas influenciaram os eventos históricos e as estratégias políticas adotadas pelos Estados durante a Guerra Fria, delineando um período marcado pela bipolaridade ideológica e pelo embate entre diferentes visões de mundo.

Assim, o trabalho buscou construir um arcabouço teórico que revisita desde os conceitos teóricos mais utilizados na área das Relações Internacionais até a trajetória que moldou a história dos países estudados. Deste modo, o primeiro capítulo traz uma reflexão acerca da relação entre conceito e teoria, onde o início do século XX testemunhou a luta de Cuba pela independência e sua subsequente inserção no contexto político internacional, marcado pelo governo de Fulgêncio Batista e pela ascensão dos movimentos revolucionários. A independência cubana, conquistada após décadas de lutas contra o domínio espanhol, foi seguida por um período de instabilidade política, no qual Batista emergiu como figura central, estabelecendo um regime autoritário e alinhando-se aos interesses dos Estados Unidos. Contudo, a insatisfação popular e o crescimento dos movimentos de oposição culminaram na Revolução Cubana de 1959, liderada por Fidel Castro e Che Guevara, que resultou na derrubada do governo de Batista e na posterior instauração de um regime socialista em Cuba.

Em relação ao segundo capítulo, optou-se por abordar a história de Cuba, sendo refletida não apenas na luta por independência e soberania, mas também na busca por uma identidade política e econômica própria. O governo de Fulgêncio Batista representou um período de submissão aos interesses externos, especialmente dos EUA, caracterizado pela corrupção, repressão e desigualdades sociais. A Revolução Cubana marcou uma ruptura significativa nesse cenário, dando início a uma nova era de transformações políticas, econômicas e sociais. A ascensão de Fidel Castro ao poder e a adoção do socialismo como sistema político e econômico redefiniram as relações de Cuba com o mundo, colocando-a no centro das atenções internacionais e desencadeando uma série de eventos que moldariam o curso da história mundial.

Ainda no segundo capítulo, trata-se sobre a forma como a relação entre Cuba e a União Soviética desempenhou um papel crucial na geopolítica da Guerra Fria, impactando não apenas a ilha, mas também as dinâmicas globais. A aproximação entre Cuba e a URSS, que acarretou a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), marcou um ponto de virada nas relações internacionais da região. Essa aproximação consolidou-se durante a Crise dos Mísseis de 1962, quando a descoberta de bases nucleares soviéticas na ilha cubana desencadeou uma das maiores crises diplomáticas da Guerra Fria, colocando o mundo à beira de um conflito nuclear. A intervenção da URSS em prol de Cuba reforçou os laços entre os dois países, mas também intensificou as tensões com os Estados Unidos e os demais países do continente americano.

O apoio econômico e militar da União Soviética foi fundamental para o desenvolvimento de Cuba durante as décadas seguintes, possibilitando avanços significativos em áreas como educação, saúde e indústria. No entanto, a dependência de recursos e assistência soviética expôs Cuba a vulnerabilidades, especialmente diante das transformações no Bloco Socialista. As reformas estruturais, Perestroika e Glasnost, enfraqueceram o apoio ideológico e econômico à Cuba, exacerbando as dificuldades enfrentadas pelo país. O enfraquecimento e a dissolução do Bloco Socialista na década de 1990 repercutiram em Cuba, que perdeu um importante apoio internacional e passou a enfrentar uma crise econômica em um período de incertezas em relação ao seu futuro político e social. A economia cubana entrou em uma fase de

recessão prolongada, exacerbada pelo bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos e pela ausência de alternativas viáveis de cooperação internacional.

Por fim, o terceiro capítulo traz os debates sobre a forma com que o governo cubano pode encontrar novas fontes de receita e ampliar seu desenvolvimento, implementando medidas de abertura gradual nos anos seguintes à queda da URSS. Uma das estratégias adotadas foi o desenvolvimento do turismo internacional em Cuba, que já existia e iniciou uma trajetória de ampliação, buscando atrair investimentos estrangeiros e gerar receita. Esse cenário teve um impacto significativo na economia cubana, contribuindo para a recuperação de setores como o turismo e a hotelaria. A entrada de turistas estrangeiros trouxe oportunidades de emprego e a revitalização de áreas urbanas e turísticas, transformando gradualmente a paisagem econômica e social de Cuba.

O presente trabalho tem relevância para o debate sobre a ilha cubana no contexto das relações internacionais, pois propõe reflexões sobre as dinâmicas de poder, as alianças estratégicas e as transformações políticas e econômicas em uma região importante da América Central, do Caribe e do mundo. Além disso, contribui para uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados por países em desenvolvimento, além das complexidades das relações entre Estados soberanos em um mundo globalizado. Desta forma, consegue interpor um sentido amplo para conduzir questões que influenciam a dinâmica global.

Diante de uma abordagem qualitativa, a metodologia utilizada no estudo é, principalmente, o método histórico, que envolve a análise de fontes primárias e secundárias para reconstruir e interpretar os eventos passados. A pesquisa será de natureza exploratória, com o objetivo de investigar as diferentes faces da história e das relações internacionais de Cuba. Será utilizado um referencial bibliográfico abrangente, incluindo obras acadêmicas, documentos oficiais, relatos de testemunhas e análises de especialistas, para fundamentar e enriquecer a análise histórica e conceitual apresentada neste trabalho.

## 2. REVOLUÇÃO, SOCIALISMO E MARXISMO EM FACE À TEORIA SISTÊMICA DURANTE A GUERRA FRIA

Para o aprofundamento teórico deste trabalho se faz necessária a utilização de alguns pontos, além da definição de alguns conceitos que servirão como base para a estrutura geral do estudo. Tais conceitos facilitarão o entendimento do tema apresentado e auxiliarão no conteúdo que será desenvolvido ao longo deste capítulo.

Segundo Arendt (2011), desde a antiguidade a mudança política não parecia algo novo, pois iniciava, se desenvolvia e findava sem interromper o curso da história. Ao que compete à revolução moderna, é fundamental o destaque do papel desempenhado pelas questões sociais e econômicas. Estas revoluções apresentavam-se das mais diversas formas possíveis, não deixando nunca de serem violentas e sangrentas até que o resultado proposto fosse atingido, estabelecendo uma nova ordem política, social e econômica. O papel revolucionário das questões sociais surgiu quando, na Era Moderna, o homem passou a duvidar que a pobreza estivesse atrelada à condição humana das massas de trabalhadores miseráveis, sendo assim um pensamento pré-revolucionário, como bem dita Fernandes (1991):

Nesse nível, o conceito de revolução aparece saturado de sua especificidade histórica. Ele se identifica com as tarefas maiores do proletariado e define um longo porvir de transformações revolucionárias encadeadas. Nele, como salientaram Marx e Engels, fica claro que o proletariado possui funções análogas ou simétricas àquelas que a burguesia preencheu na desintegração da sociedade feudal e na construção da sociedade capitalista (Fernandes, 1991, p.13).

Para Ayerbe (2004), a Revolução possui profundas raízes na história nacional cubana, tendo em vista suas premissas. Desta forma, o processo revolucionário que propõe a queda do regime de Fulgêncio Batista retoma uma trajetória de movimentos do século XIX. Para tanto, se faz um paralelo desta colocação de Revolução aplicada ao caso analisado no final da década de 1950, sendo a Revolução em Cuba. Um país permeado pelo abandono, pobreza, doenças e analfabetismo, onde as desigualdades tomavam o rumo do futuro daquele local, como bem explicita Bobbio (2000), quando afirma que:

Há cerca de um século, os dois termos “reformas” e “revolução”, com frequência unidos no enunciado interrogativo “reformas ou revolução”, indicam as duas estratégias alternativas que foram sucessivamente adotadas no âmbito do movimento operário para a transformação da sociedade no

sentido socialista ou, para usar uma expressão corrente (ainda que tudo, menos clara), durante o estado de transição (Bobbio, 2000, p.577).

Para Arendt (2011), o papel desempenhado pelas questões sociais e econômicas vai ao encontro com a análise de Ayerbe (2004), ambos enfatizando o processo revolucionário que ocorreu na ilha cubana, desenvolvendo a questão da dúvida quanto à pobreza atrelada à condição humana dos trabalhadores miseráveis e, a partir desta dúvida, a certeza da necessidade do processo revolucionário cubano, possibilitando a queda do ditador Fulgêncio Batista, dando abertura à uma nova fase com novas trajetórias e perspectivas socioeconômicas.

A Revolução ocorrida na ilha possibilitou um novo ciclo social e econômico, gerando um crescimento paulatino, alterando a realidade que o povo cubano estava acostumado a presenciar. De fato, a Revolução alterou as estruturas do país, promovendo uma abertura a um novo método de reconfigurar a política cubana. Para Huberman (1960), é impossível imaginar uma revolução com tais perspectivas de êxito como foi a Revolução Cubana, pois a ilha caribenha foi favorecida de tal modo que, com a chegada da Revolução, o grande fardo de mão-de-obra ociosa e de recursos não utilizados transformou-se num bem precioso e aproveitável, promovendo o desenvolvimento e melhora dos índices de qualidade de vida.

Huberman (1960) corrobora a afirmação de Arendt (2011) e Ayerbe (2004), enfatizando a importância do papel desempenhado pelas questões sociais e econômicas que, quando possuem discrepâncias acentuadas, desencadeiam um processo revolucionário acelerado, buscando a mudança das estruturas vigentes.

A partir deste momento tem-se um novo sistema de governo, que será conceituado de forma a viabilizar sua aplicação a este objeto de pesquisa. Analisa-se então o Socialismo, sendo o regime de governo vigente na fase de transição cubana, desde a revolução até a pós-abertura. Importa salientar o que Luxemburgo (2007) conceitua acerca dos pressupostos básicos do sistema socialista:

Porque es sabido que el argumento científico del socialismo se apoya en tres resultados de la evolución del capitalismo: principalmente en la creciente anarquía de la economía capitalista, que hace de su declive un resultado irremediable; en segundo lugar, en la progresiva socialización del proceso de producción, que genera las bases positivas del futuro orden social, y, en tercero, en la creciente organización y conciencia de clase del proletariado, que constituye el factor activo de la transformación que se avecina (Luxemburgo, 2007, s/p).

Quando estabelecido, o socialismo pode se configurar como o próprio ideal da democracia, porém, a forma como este será estabelecido é uma grande variável. Na Cuba revolucionária, a experiência que a URSS e a China apresentaram era de que a realização de uma revolução socialista em um país consideravelmente pobre, não era viável economicamente. O socialismo, por sua vez, é elencado em diversas definições. Desde séculos atrás, a busca por uma sociedade onde houvesse igualdade entre todos os indivíduos é constante, sendo denominada por Comunismo. Assim, Spindel (1989) trabalha a ideia do desenvolvimento das teorias citadas a partir de um viés construtivista, como exposto:

A doutrina socialista pré-marxista vinha tendo desenvolvimentos importantes. É inegável que, mesmo apresentando sempre uma característica de utopia, as proposições teóricas que dizem respeito à sociedade futura se desenvolveram e passaram a englobar uma série de pontos que seriam úteis para o Marxismo. Além disso a produção intelectual que continha reflexões sobre os processos revolucionários recentes avançavam muitas questões importantes para a elaboração de um corpo teórico mais completo (Spindel, 1989, p.30).

Conforme Arendt (2011), a partir do século XIX, a expressão Socialismo passou a ser utilizada para estes tipos de movimentos sociais de busca de uma igualdade humana. As correntes socialistas se apresentam com alguns recortes, destas destacam-se o socialismo utópico e o socialismo científico, ambos marcados pelas ideias iniciais de Marx e Engels com propostas de uma nova construção social.

Spindel (1989) e Arendt (2011) conduzem seus vieses sob o mesmo aparato, afirmando que o socialismo foi fundamental para introduzir as mudanças que a Revolução havia dado início. O novo sistema cubano punha em prática reformas econômicas e sociais que já estavam sendo defendidas há vários anos, na tentativa de promover uma reforma através do nacionalismo e anti-imperialismo vigente.

No entanto, o processo de transição socialista era paulatino, pois mesmo que fossem tomadas diversas medidas de cunho nacionalista e anti-imperialista e, tais medidas, estivessem claramente no centro do interesse das massas sociais, o processo de transição se fazia conforme era estabelecida a força do governo de Fidel. Jean Paul Sartre (Huberman, 1960) visitou a ilha em março de 1960, comentando detalhes importantes sobre as percepções do contexto dessa visita:

[...] interroguei em Paris um certo número de cubanos, sem poder compreender por que se recusavam a me dizer se o objetivo da Revolução

Cubana era ou não de estabelecer o socialismo. Agora compreendo porque não me podiam dizer. Isso porque a originalidade dessa revolução consiste precisamente em fazer o que é necessário sem tentar definir seus atos através de uma ideologia prévia (Huberman, 1960, p.178).

A partir das constatações anteriores, pode-se atrelar o socialismo cubano às ideias marxistas, pois possibilitam uma homogeneidade maior a todo movimento socialista internacional. Desta forma, pela primeira vez, trabalhadores de diversos países diferentes estavam associando o socialismo a uma sociedade igualitária, como teorizava Marx em sua obra. Isto se deu devido à alteração estrutural ocorrida em Cuba após sua abertura, possibilitando introduzir as alterações necessárias para o desenvolvimento da ilha. Revisitando uma obra atemporal de Marx e Engels (2010), visualiza-se o seguinte um importante ponto:

Paralelamente aos grandes construtores de sistemas sociais, outra tendência se desenvolveu, diretamente ligada aos movimentos populares. Foi a tendência radical das revoluções democráticas, caracterizada pelas suas propostas igualitárias, que foram paulatinamente designadas pelo termo "comunismo" (Marx; Engels, 2010, p.17).

O marxismo se opõe à ideia de uma hierarquia que seja exterior aos indivíduos, mas também não se permite definir como individualista, tendo a consciência do indivíduo e examinando isoladamente esta consciência. Esta teoria é ciente das realidades que escapam à consciência individual, sendo: naturais, práticas, sociais e históricas. Além disso, há rejeição por parte do marxismo à subordinação prévia de todo e qualquer elemento do homem e da sociedade (uns aos outros), não admitindo a hipótese de uma possível harmonia espontânea.

Percebe-se que há contradições tanto na sociedade quanto no homem, resultando na oposição do interesse individual (privado) ao interesse comum (Lefebvre, 2011). Portanto, o conceito de Lefebvre (2011) reitera o que foi afirmado por Marx e Engels (2010), quando estes pontuam que os movimentos populares foram interligados aos sistemas sociais e, quando estes estão em meio à injustiça social, recorre-se à revolução para derrubar a possível hegemonia burguesa vigente, possibilitando a (re)conquista da democracia. Destarte, Marx e Engels (2010) trazem um olhar sobre a interligação entre a democracia e o domínio político de uma classe burguesa:

Democracia e domínio político da burguesia são incompatíveis, não existe "Estado democrático sob hegemonia burguesa" - e hipoteticamente sob hegemonia proletária - mas ditadura burguesa sob formas democráticas. A

"conquista de democracia" exige, portanto, uma revolução, cujo primeiro passo é, como em toda revolução, a destruição da máquina repressiva que é a essência do antigo regime de exploração, sem o que a democracia não passa de uma fachada da ditadura da classe exploradora (Marx; Engels, 2010, p.22).

Conforme Hobsbawm (2011) o período da revolução cubana foi um período complexo, pois grande parte dos marxistas ocidentais se propuseram a concluir que os regimes socialistas existentes, tanto de Cuba, da URSS e do Vietnã, estavam distantes de ser o que era vislumbrado como uma possível sociedade socialista ou sociedade que fosse dedicada a um processo de construção socialista.

Para uma melhor continuidade da contextualização teórica ao objeto de pesquisa faz-se necessária, além dos conceitos antes abordados, a aplicação de uma teoria para aproximar o objeto de pesquisa ao seu recorte temporal, apresentando inicialmente a teoria de estrutura Neorealista que será utilizada e, posteriormente, abordando sua aplicação na Guerra Fria.

Waltz (1979) aborda as questões relacionadas ao Sistema, Estrutura e Unidades, aplicáveis à teoria de sua autoria. O autor descreve sobre o sistema ser constituído por uma estrutura e por unidades em interação. Logo, a teoria sistêmica apresentada por Waltz não analisa apenas as características individuais sob cada unidade que interage dentro de um sistema, mas os efeitos que resultam dessa interação, sendo estes os efeitos estruturais, abrangendo uma forma macrocontextual. A teoria sistêmica não possui seu foco nas causas das interações, mas sim, no resultado que estas apresentam. Como forma de descrever uma estrutura, Waltz (1979) apresenta alguns aspectos a serem analisados:

I have dealt so far with the meaning of theory and with theory construction and testing. Theories do not emerge from efforts to establish laws, even when those efforts succeed. The construction of theory is a primary task. One must decide which things to concentrate on in order to have a good chance of devising some explanations of the international patterns and events that interest us. To believe that we can proceed otherwise is to take the profoundly unscientific view that everything that varies is a variable. Without at least a sketchy theory, we cannot say what it is that needs to be explained, how it might be explained, and which data, how formulated, are to be accepted as evidence for or against hypotheses. To proceed by looking for associations without at least some glimmering of a theory is like shooting a gun in the general direction of an invisible target. Not only would much ammunition be used up before hitting it, but also, if the bull's-eye were hit, no one would know it! The trick, obviously, is to link theoretical concepts with a few variables in

order to contrive explanations from which hypotheses can then be inferred and tested (Waltz, 1979, p.16-17).<sup>1</sup>

Primeiramente, o autor explica que uma estrutura pode ser organizada via subordinação, em que há uma unidade que seja superior às outras, promovendo uma orientação e ordenação e, a partir disso, resultando em um sistema hierárquico. Por outro lado, a estrutura pode ser ordenada através da coordenação, em que não há nenhuma unidade superior e a ordem é resultante especificamente do ser e do querer-ser das unidades em interação. Neste sentido, traduz em suas palavras:

A systems theory of international politics is needed, but can one be constructed? Alan C. Isaak argues that political science has no theories and no theoretical concepts (1969, p. 68). The preceding discussion may have strengthened that argument by considering only economic and social theories, theories that claim to explain political outcomes without the use of political concepts or variables. "If capitalism, then imperialism" is a purported economic law of politics, a law that various economic theories of imperialism seek to explain. Can we find political laws of politics and political theories to explain them? Those who have essayed systems theories of international politics implicitly claim that we can, for a theory of international politics is systemic only if it finds part of the explanation of outcomes at the international-political level (Waltz, 1979, p.38-39).<sup>2</sup>

Após a ordenação da estrutura, o autor apresenta a especificação das funções de cada unidade. Waltz descreve que cada unidade pode ser analisada conforme o grau de diferenciação que estas interagem no sistema. Podem ser classificadas como

---

<sup>1</sup> Eu lidei com o significado da teoria e com a construção e teste de teoria. As teorias não emergem dos esforços para estabelecer leis, mesmo quando esses esforços são bem-sucedidos. A construção da teoria é uma tarefa primordial. É preciso decidir em quais coisas se concentrar para ter uma boa chance de elaborar algumas explicações dos padrões e eventos internacionais que nos interessam. Acreditar que podemos proceder de outra forma é adotar uma visão profundamente não científica de que tudo o que varia é uma variável. Sem pelo menos uma teoria incompleta, não podemos dizer o que é que precisa ser explicado, como pode ser explicado, e quais dados, como formulados, devem ser aceitos como evidência a favor ou contra hipóteses. Proceder à procura de associações sem, pelo menos, algum vislumbre de uma teoria é como disparar uma arma na direção geral de um alvo invisível. Não só muita munição seria usada antes de atingi-la, mas também, se a mosca fosse atingida, ninguém saberia disso! O truque, obviamente, é ligar os conceitos teóricos com algumas variáveis, a fim de elaborar explicações a partir das quais as hipóteses podem então ser inferidas e testadas (Waltz, 1979, p.16-17, tradução nossa).

<sup>2</sup> Uma teoria de sistemas da política internacional é necessária, mas pode-se construir? Alan C. Isaak argumenta que a ciência política não tem teorias nem conceitos teóricos (1969, p. 68). A discussão anterior pode ter reforçado esse argumento considerando apenas teorias econômicas e sociais, teorias que afirmam explicar os resultados políticos sem o uso de conceitos ou variáveis políticas. "Se o capitalismo, então o imperialismo" é uma suposta lei econômica da política, uma lei que várias teorias econômicas do imperialismo procuram explicar. Podemos encontrar leis políticas da política e teorias políticas para explicá-las? Aqueles que ensaiam teorias de sistemas da política internacional afirmam implicitamente que podemos, pois uma teoria da política internacional é sistêmica apenas se encontrar parte da explicação dos resultados no nível político-internacional (Waltz, 1979, p.38-39, tradução nossa).

unidades altamente diferenciadas, realizando o mínimo de tarefas e se tornando especialistas nestas; ou unidades pouco especializadas, que realizam diversas atividades paralelamente, tornando o sistema concentrador e/ou pouco diferenciado.

Para o autor, é fundamental abordar as questões de distribuição de recursos entre as unidades, pois estas disputam por apropriações de capacidades, além das possíveis vantagens que seriam obtidas através dessas capacidades. Estas são mencionadas por Waltz como recursos sistêmicos, sejam eles recursos naturais, força militar, capacidade econômica, extensão territorial e populacional, competência e estabilidade política. Nos sistemas hierárquicos, a competição pelos recursos sistêmicos é controlada por uma unidade maior; já nos sistemas anárquicos, a disputa é o fator que delimita o próprio sistema, já que a própria competição pelos recursos sistêmicos acaba justificando o comportamento das unidades que estão em interação e suas aspirações.

Além das questões abordadas anteriormente, Waltz enfatiza que o evento que marca as relações internacionais entre os Estados, é o conflito. A partir desta constatação, o autor busca identificar onde se encontram os conflitos, iniciando sua teoria de abordagem sistêmica pautada nesta busca. Na sequência, Waltz (2004) identifica três diferentes níveis de análise, utilizando o termo “imagens” para se referir a cada uma. As três imagens definidas por Waltz são: o homem, a organização do Estado e o Sistema Internacional de Estados.

Na primeira imagem encontra-se o homem como análise de conflito, incluindo o comportamento e a natureza humana como as causas da guerra. Os conflitos são provenientes dos impulsos agressivos e egoístas da humanidade. Cada ser humano possui, portanto, um comportamento moldado por sua natureza que, na qualidade de propositor da guerra, é má. Como subsídio para a mudança desta natureza e comportamento, tem-se a paz. Sobretudo, a primeira imagem não desconsidera a influência da organização no/do Estado, ela o situa como menos importante que uma natureza humana ou também como reflexo desta.

No que se refere à segunda imagem, Waltz relaciona com a estrutura do Estado. Estão atrelados a esta imagem, tanto liberais quanto marxistas. Os Liberais acreditam que governos são necessários para manter o cidadão longe de todo e qualquer caos que é gerado por seus próprios interesses. Com isso, um Estado deve buscar manter a paz aos seus cidadãos, limitando-se para chegar a este fim. O Estado

promoveria uma guerra para ter aumento em seus impostos, expandir burocracias e ter um maior controle sobre seus cidadãos, sendo prejudicial para manutenção das liberdades individuais e políticas. A primeira imagem não ignora a posterior, apenas enfatiza a importância da natureza humana. Como o governo é constituído por homens, sua natureza predomina em suas ações e decisões, como é possível visualizar:

It is not possible to understand world politics simply by looking inside of states. If the aims, policies, and actions of states become matters of exclusive attention or even of central concern, then we are forced back to the descriptive level; and from simple descriptions no valid generalizations can logically be drawn. We can say what we see, but we cannot know what it may mean. Every time we think that we see something different or new, we will have to designate another unit-level "variable" as its cause (Waltz, 1979, p.65).<sup>3</sup>

Por fim, a terceira imagem de análise leva em consideração as duas anteriores, mas encontra um outro motivo como causador da guerra. Este motivo não seria apenas um comportamento humano e nem uma organização do Estado. A partir disso, tem-se a terceira imagem, sendo o Sistema Internacional. Em um sistema de Estados, não há nenhum poder que submeta estes a uma ordem, mesmo que exista um ordenamento entre eles. A ausência de um poder maior sobre os Estados é o que Waltz caracteriza como Anarquia Internacional. Portanto, o que se pode analisar através da terceira imagem é que as guerras acontecem porque não há nada que as previna de acontecer, não havendo nenhuma força que os Estados sejam submetidos para impedir que usem a força como lhes pertence por monopólio legítimo. Nas palavras de Walt (2004):

De acordo com a terceira imagem, existe uma possibilidade constante de guerra num mundo em que há dois ou mais Estados buscando promover um determinado conjunto de interesses e que inexistem um órgão acima deles a quem possam recorrer a fim de obter proteção (Waltz, 2004, p.281).

Após algumas definições e descrições sobre Revolução, Socialismo e Marxismo, além de pontuar alguns recortes específicos da teoria sistêmica que será abordada no decorrer deste trabalho faz-se necessário uma contextualização histórica

---

<sup>3</sup> Não é possível entender a política mundial simplesmente olhando para dentro dos estados. Se os objetivos, políticas e ações dos estados se tornam questões de exclusividade atenção ou mesmo de preocupação central, então somos forçados a voltar para o descritivo nível; e a partir de descrições simples, nenhuma generalização válida pode ser logicamente desenhada. Podemos dizer o que vemos, mas não podemos saber o que isso significa. Cada vez que pensamos que vemos algo diferente ou novo, teremos que designar outra "variável" de nível de unidade como causa (Waltz, 1979, p.65, tradução nossa).

para aproximar o objeto de pesquisa ao seu recorte temporal, trabalhando com a Guerra Fria. Esta pode ser analisada a partir de duas perspectivas, sendo um sistema; ou um período histórico, marcado por inúmeros acontecimentos. Uma pontual característica da Guerra Fria foi seu caráter de conflito indireto entre os envolvidos, não havendo ataque bélico entre eles (EUA e URSS). A perspectiva de Vizenti (1998) elucida a complexidade do contexto em que foi desenvolvida a trajetória da Guerra Fria:

Muitos estudiosos enfocam a Guerra Fria como simples conflito ideológico e outros como mera luta pelo poder entre superpotências, visando a dominação mundial. Além disso, estudos procuram apenas estabelecer o “culpado” pelo seu desencadeamento, o “expansionismo soviético” (de caráter político) ou o “imperialismo americano” (de viés econômico), dentro de uma visão de história acidental ou definida pela vontade pessoal dos estadistas. Geralmente tais enfoques enfatizam unicamente a dimensão militar-nuclear como eixo de análise, o que representa uma distorção da realidade. Contudo, a Guerra Fria constitui um conflito complexo, racionalmente explicável à luz das enormes transformações que marcaram o século XX. (Vizentini, 1998, p.96).

Vizentini (2014) destaca que com o término da Segunda Guerra Mundial, o Sistema Internacional apresentava abruptas diferenças. A decadência europeia como centro de diplomacia do equilíbrio de poder e centro da política mundial era acentuada e acontecia paralela à formação de um grande Sistema Bipolar. Este novo sistema era pautado nas correntes sociais capitalista e socialista, lideradas pelas potências EUA e URSS, respectivamente. Desse modo, Gorender (1992) traz em sua obra:

Em 1946, na cidade norte-americana de Fulton, o ex-primeiro-ministro britânico Winston Churchill proclamou formalmente a Guerra Fria dos chamados “países livres” do Ocidente contra os países atrás da “cortina de ferro”: a União Soviética e os demais países do Leste europeu. À diferença da “guerra quente”, travada com material bélico destrutivo, a Guerra Fria seria travada somente por meio da intimidação militar, dos boicotes econômicos, da diplomacia, da propaganda etc. (Gorender, 1992, p.30).

Halliday (2007) teoriza sobre Guerra Fria pautado em uma questão de conflito intersistêmico, sendo esta uma forma de conflito interestatal e intersocietal em que os âmbitos político, econômico e militar são baseados em uma total distinção de normas sociais e políticas, assim, afirma que:

A teoria intersistêmica pode ser resumida em três proposições-núcleo: (a) a rivalidade leste-oeste foi um produto do conflito entre dois sistemas sociais distintos; (b) esta competição envolve uma dinâmica competitiva e universalizadora; e (c) somente poderia ser concluída com um dos blocos prevalecendo sobre o outro. O termo “sistema” não é usado aqui para indicar

o “sistema internacional em geral”, como designado na teoria convencional das RI, nem a “Guerra Fria como sistema”, no sentido de um reforço mútuo característico dos internalistas, mas para indicar a organização interna das sociedades e políticas de cada bloco (Halliday, 2007, p.187-192).

Os EUA emergiram da Segunda Guerra como maiores beneficiados, tendo a possibilidade de expandir e reativar seu complexo industrial, absorvendo a grande massa de desempregados provenientes da década de 1930. Sua economia se tornava mundialmente dominante, representando aproximadamente 60% da produção industrial de 1945 (Vizentini, 2004). O crescimento do capitalismo norte-americano emergiu a partir dos outros capitalismos antecessores, aliados ou rivais. Com a derrota do nazi-fascismo, percebe-se o triunfo de uma nova forma de capitalismo, moderno e cosmopolita, sob domínio dos EUA, em face a um capitalismo que fora marcado por medidas arcaicas de dominação social e inserção ao mercado mundial. Vizenti (2004) teoriza sobre o tema, demonstrando explicitamente fatores como aceleração do colonialismo:

A guerra também acelerou a crise do colonialismo e as lutas de libertação nacional, haja vista o enfraquecimento das metrópoles européias, o engajamento militar dos povos coloniais - árabes, hindus, negro-africanos, além dos povos asiáticos - e a expansão da ideologia anticolonialista (Vizentini, 2004, p.66).

A persistência da Guerra Fria, marcada pela emergência da Nova Ordem Mundial, surge como um fenômeno intrínseco ao colapso do campo soviético e à desintegração da URSS. Este processo transformador reverberou globalmente, desmantelando a tradicional ordem internacional bipolar que caracterizou grande parte do século XX. Nesse contexto, a Cuba socialista, que historicamente dependia dos subsídios soviéticos, viu-se compelida a reavaliar sua estrutura econômica e a buscar estratégias inovadoras para reintegrar-se no cenário internacional, tendo em vista a abrupta cessação de apoio econômico proveniente da extinta União Soviética. Com o colapso soviético, a Cuba pós-Guerra Fria foi confrontada com desafios substanciais, exigindo uma adaptação rápida e significativa de seu modelo econômico. A transição para uma nova ordem global implicou na necessidade de diversificação econômica e na busca por parcerias comerciais alternativas. Nesse ínterim, as mudanças econômicas radicais em escala internacional suscitaram um reposicionamento estratégico de Cuba no âmbito das relações econômicas internacionais (Santoro, 2010).

Ainda para Santoro (2010), a ausência dos subsídios soviéticos acarretou um impacto significativo na economia cubana, compelindo o país a explorar novos horizontes para garantir sua viabilidade econômica. A reorientação econômica de Cuba se manifestou através da implementação de reformas estruturais, visando atrair investimentos estrangeiros, promover o desenvolvimento do turismo, diversificar as exportações e fortalecer os laços comerciais com diferentes atores no cenário internacional. Além disso, a transição para a Nova Ordem Mundial também influenciou as dinâmicas políticas e diplomáticas de Cuba. O país teve que reavaliar suas alianças estratégicas e posicionar-se de maneira a equilibrar interesses econômicos e políticos em um contexto de crescente globalização. A diplomacia cubana buscou ativamente se inserir em organizações e fóruns internacionais, buscando maior visibilidade e oportunidades de cooperação.

Assim, a metamorfose geopolítica após o colapso da União Soviética não apenas forçou Cuba a redefinir suas estratégias econômicas, mas também desencadeou um processo de reconfiguração mais amplo em suas relações internacionais. A capacidade de Cuba em adaptar-se a esse novo cenário global, marcado pela multipolaridade e pela interdependência econômica, tornou-se crucial para sua sustentabilidade e para a consolidação de sua posição no panorama internacional do pós-Guerra Fria (Santoro, 2010).

A partir desta análise teórico-conceitual, aplicam-se as definições aqui abordadas no decorrer deste trabalho, possibilitando uma maior compreensão e aprofundamento do tema proposto. Os conceitos e a teoria abordados, auxiliam em um diálogo entre os autores trabalhados a fim de caracterizar o objeto de pesquisa conforme o problema, ambos auxiliando para corroborar ou refutar a hipótese apresentada.

### 3. CUBA: DA SUBMISSÃO À LIBERDADE

#### 3.1. Análise Histórica do início do Século XX

De fato, os EUA sempre demonstraram grande interesse na ilha cubana, tendo em vista sua significativa proximidade do litoral norte-americano (Figura 1). Desde o início, as enormes fazendas de gado e os grandes territórios latifundiários tomaram espaço do território cubano e, após o término de suas respectivas atividades, restava apenas um território desocupado e sem absolutamente nada a cultivar e produzir. Desta forma, tendo em vista o vasto território cubano somado à proximidade do litoral norte-americano, surge o interesse da grande potência em iniciar seu processo de domínio sob Cuba (Huberman, 1960).

Diferente da maioria dos países latino-americanos, Cuba obteve sua independência em 1898, configurando-se como um dos últimos países a se libertar do colonialismo (Sader, 1985). Diversas foram as invasões as quais Cuba enfrentou, todas provenientes de potências coloniais que buscavam subsídios através de fontes de matéria-prima, visando aumentar e alimentar seus impérios europeus. A Espanha era a grande potência responsável pelo domínio e exploração da ilha cubana, haja vista que o processo de descolonização durou longos trinta anos, com duas guerras que levaram Cuba à sua independência.

Figura 1 - Localização de Cuba no Caribe e em relação aos EUA.



Fonte: Guia Geográfico

Segundo Gott (2004), “como colônia do império espanhol, Cuba se viu na linha de frente das guerras da Europa, na medida em que as fronteiras do Velho Continente se estenderam Caribe adentro pelo Atlântico”. Em meados do século XIX, o sistema colonial enfrentava um grande declínio em sua estrutura e anunciava seu possível fim. Em Cuba não seria diferente, pois durante esse período de declínio do sistema colonial surgia a primeira guerra de independência da ilha cubana, liderada pela classe dos proprietários rurais e tendo como líder Carlos Manuel de Céspedes, responsável pelo ato de libertação de escravos e soma dos mesmos à sua tropa de luta contra o império espanhol.

A primeira guerra de independência cubana teve uma duração de dez anos, sendo de 1868 a 1878. Grandes figuras revolucionárias somaram-se à esta guerra, como Antonio Maceo e Máximo Gomez, que posteriormente tiveram impasses com o rumo da guerra e retiraram-se da mesma a fim de uma reformulação. No final do século XIX, Maceo e Gomez foram reunidos por José Martí e essas três importantes figuras deram continuidade ao combate. Sem dúvida esse processo revolucionário foi fundamental para os próximos eventos que levariam Cuba à independência, mesmo que de forma tardia e, de certo modo, falha.

A Segunda Guerra de Independência em Cuba teve início em 1895, marcando um episódio crucial na busca pela emancipação da ilha do jugo colonial espanhol. Este movimento insurrecional foi liderado por proeminentes figuras como José Martí, Máximo Gómez e Antonio Maceo, que desembarcaram corajosamente em uma praia situada na região oriental do país. Nesse contexto tenso, as tropas espanholas aguardavam estrategicamente, armadas com revólveres e fuzis, manifestando uma determinação incansável para manter o controle sobre o território disputado.

Para Sader (1985), os eventos desencadeados por Martí, Gómez e Maceo representaram uma resposta enérgica às décadas de opressão e exploração colonial. A presença destes líderes emblemáticos simbolizou a resiliência do povo cubano em face da adversidade e a determinação de buscar a independência. O desembarque na praia, palco inicial desses acontecimentos, tornou-se um marco histórico impregnado de simbolismo, tanto pela conquista territorial quanto pelo sacrifício de vidas em prol da causa. Enquanto Gómez e Maceo avançavam corajosamente, consolidando a invasão desejada na região ocidental, o líder intelectual José Martí encontrou um destino trágico ao perder sua vida logo após o desembarque na praia.

Sua morte precoce não apenas representou uma perda irreparável para o movimento, mas também fortaleceu a determinação dos rebeldes cubanos em continuar a luta pela independência.

Em 1898, encontravam-se ainda engajados em um conflito cujo desfecho permanecia incerto, embora sua empreitada sangrenta pela libertação da Espanha tivesse angariado o interesse do povo norte-americano. Os escravos libertos, dotados de coragem e fervor patriótico, empunharam seus facões como símbolo de resistência e compromisso com os ideais de uma Cuba livre. Este episódio evidenciou a convergência de diversas forças, desde os líderes políticos até os segmentos marginalizados da sociedade, unidos na aspiração comum de libertar a nação da opressão colonial (Huberman, 1960). Demonstrando o contexto histórico, Ayerbe (2004) traduz em palavras o cenário vivenciado:

Os combatentes nacionais conseguem colocar o exército espanhol em retirada, ocupando boa parte das áreas rurais do país. Isso se deveu principalmente à ação das forças guerrilheiras comandadas por Antonio Maceo, que enfrentaram o contingente principal do exército espanhol, que tinha mobilizado duzentos mil soldados. Maceo morre em combate em 7 de dezembro de 1896 (Ayerbe, 2004, p.23).

Após o desfecho, a atenção dos Estados Unidos voltou-se para suas considerações de ordem econômica na ilha cubana, simultaneamente imbuída do interesse estratégico vinculado à concepção do Canal do Panamá. O contexto que suscitou a intervenção norte-americana foi precipitado pela repercussão sensacionalista da explosão que resultou no naufrágio do USS Maine, ancorado no porto de Havana em 15 de fevereiro. Huberman (1960) discorre suas palavras sobre o cenário:

Nos debates que se seguiram à explosão do "U. S. S. Maine" no pôrto de Havana, a 15 de fevereiro de 1898, a posição daqueles que desejavam a intervenção dos Estados Unidos na Guerra Cubano-Espanhola por considerarem que era o "destino" daquele país controlar Cuba foi reafirmada numerosas vezes. Outros desejavam a intervenção por motivos humanitários, para fazer cessar o sangue e as atrocidades que corriam em Cuba. E havia outros ainda que argumentavam a favor da intervenção para assegurar a independência da República Cubana. Em sua mensagem ao Congresso, em 11 de abril, defendendo "a necessária intervenção dos Estados Unidos, como neutro, para fazer cessar a guerra, o Presidente McKinley argumentava que o estado de coisas em Cuba era "uma ameaça constante à nossa paz", que a mtervenção se justificava " "pelos sérios prejuízos ao comércio e aos negócios do nosso povo e pela incontrolada destruição de propriedades e devastação da ilha". Fêz apenas uma ligeira referência ao fato de que no dia anterior ao envio de sua mensagem ao Congresso, recebera um telegrama do ministro americano em Madri comunicando que a paz imediata em Cuba

poderia ser obtida por negociações, e que era possível um acordo final pelo qual a Espanha garantiria autonomia aos rebeldes, ou a independência, ou cederia a ilha aos Estados Unidos!

A 19 de abril o Congresso aprovava uma resolução de guerra, declarando que:

- (1) O povo de Cuba é, e pelo direito deve ser, livre e independente.
- (2) A Espanha deve revogar sua soberania e retirar suas forças de Cuba.
- (3) O presidente dos Estados Unidos fica autorizado a usar forças navais e militares da nação para assegurar o cumprimento dessas exigências.
- (4) "Os Estados Unidos pela presente negam qualquer disposição ou intenção de exercer soberania, jurisdição, ou controle sobre a dita ilha, exceto para a sua pacificação, e asseguram sua determinação de, uma vez realizado esse objetivo, deixar o governo e o controle da ilha a cargo de seu povo." (Os três primeiros artigos estão parafraseados, o quarto é dado na íntegra) (Huberman, 1960, p.29-30).

A natureza indeterminada da origem da referida explosão instigou uma narrativa alarmista na imprensa da época. O desenlace dessa conjuntura materializou-se com o Tratado de Paris, em dezembro de 1898, conferindo aos Estados Unidos o status de potência vitoriosa na Guerra Hispano-Americana. Este tratado, por sua vez, ratificou a expulsão da Espanha e conferiu aos Estados Unidos a responsabilidade tutelar sobre os assuntos cubanos. No advento de 20 de maio de 1902, após quase cinco anos de ocupação militar estadunidense, Cuba empreendeu seu processo de emancipação, emergindo como nação com menor magnitude de desafios em comparação com outras nações latino-americanas contemporâneas. O período inicial subsequente à independência testemunhou um incremento na prosperidade, uma contida manifestação do militarismo, e uma relativa ausência de tensões sociais profundas (Library of Congress, 2006). Ayerbe (2004) disserta sobre a figura norte-americana perante Cuba:

A presença norte-americana introduz no processo de independência de Cuba elementos diferenciados em relação aos demais movimentos latino-americanos. O tratamento da questão nacional envolve realidades próprias de uma forma de colonialismo em retração e de um novo imperialismo emergente que combina a expansão econômica de interesses privados nacionais com uma política externa intervencionista (Ayerbe, 2004, p.25).

Em suma, a Segunda Guerra de Independência em Cuba, iniciada em 1895, foi um capítulo complexo e multifacetado na história da ilha caribenha. As figuras proeminentes envolvidas, os confrontos estratégicos e os sacrifícios humanos teceram uma narrativa intrincada que moldou o curso da luta pela independência cubana, deixando um legado duradouro de coragem e determinação no tecido da história latino-americana, mas sem alterar o posicionamento de potência hegemônica

por parte dos Estados Unidos, que desde o final do Século XIX utiliza de sua política de bloqueio a fim de alcançar seus objetivos econômicos (Sader, 1985).

A Emenda Platt, aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos em 1901, foi um marco significativo na história das relações entre os EUA e Cuba. Estabelecida como uma condição para a retirada das tropas americanas que ocuparam a ilha após a Guerra Hispano-Americana, a emenda impunha uma série de restrições à soberania cubana, permitindo a intervenção dos EUA nos assuntos internos de Cuba e a instalação de bases militares em seu território. A seguir, Gott (2006) apresenta um fragmento do texto da Emenda Platt:

O presidente dos Estados Unidos fica autorizado pela presente a "deixar o governo e o controle da ilha de Cuba ao seu povo", tão logo tenha sido estabelecido na dita ilha um governo sob uma constituição que, seja como parte dela ou como num decreto a ela anexo, defina as relações futuras entre Cuba e os Estados Uni-dos, substancialmente como se segue: 1. Que o governo de Cuba jamais celebre tratados ou outros convênios com qualquer potência ou potências estrangeiras, os quais possam prejudicar ou tender a prejudicar a independência de Cuba, nem de modo algum autorize ou permita que qualquer potência ou potências estrangeiras obtenham, por colonização ou para finalidades militares, navais ou outras, ocupação ou controle de qualquer porção da dita ilha (Gott, 2006, p.366).

Os dias que antecederam a implementação da Emenda Platt em Cuba representaram um período de significativa importância histórica, enquadrados no contexto pós-Guerra Hispano-Americana de 1898, quando os Estados Unidos emergiram vitoriosos sobre a Espanha e estabeleceram Cuba como uma área ocupada. A Emenda Platt, proposta como condição para a retirada das tropas americanas que ocupavam o território cubano, foi anexada à constituição de 1901. O conteúdo da emenda conferia aos EUA o direito de intervir nos assuntos internos de Cuba, visando preservar a independência e manter a estabilidade. Adicionalmente, autorizava a instalação de uma base naval em Guantánamo. Contudo, essa medida suscitou considerável descontentamento entre os cubanos, que a interpretaram como uma afronta à soberania nacional e um entrave à efetiva independência do país (Gott, 2006). Morris (1956) sintetiza:

[...] que o governo de Cuba permita que os Estados Unidos exerça o direito de intervir no sentido de preservar a independência cubana, manter a formação de um governo adequado para a proteção da vida, a propriedade, a liberdade individual. Que, a fim de auxiliar os Estados Unidos a sustentar a independência cubana, e para proteger a população dali, tão bem como para a sua própria defesa, o governo de Cuba deverá vender ou alugar terras aos Estados Unidos, necessárias para extração de carvão para linhas férreas ou

bases navais em certos locais especificados de acordo com o Presidente dos Estados Unidos. (Morris, 1956, p. 182-3).

José Martí, preeminentemente, alertou para a propensão norte-americana de ampliar sua esfera de influência sobre a América Latina, visando, de maneira específica, consolidar o controle sobre Cuba e Porto Rico. Esta aspiração foi concretizada no ano de 1898, marcado pela derrota e retirada da Espanha de suas últimas colônias na América Latina. Nesse contexto, os Estados Unidos lograram evitar que essas colônias caíssem sob a esfera de dominação britânica, distanciando-as do destino compartilhado pelo restante do continente, ao mesmo tempo em que inauguravam seu domínio imperial na região latino-americana (Sader, 1985). A ocupação militar estadunidense persistiu em solo cubano até a instituição de um governo que fornecesse garantias de fidelidade aos interesses norte-americanos. O Exército Libertador, triunfante na batalha pela independência, foi removido de seu êxito e submetido a uma ação desmobilizadora imediatamente executada pelas forças militares dos EUA. Estas, por meio da oferta de substanciais somas em dólares, buscaram persuadir os soldados a deporem suas armas, alcançando eficazmente a divisão das tropas de Gómez e instigando a dissensão entre seus seguidores. Esse cenário, apesar da resistência manifesta por líderes proeminentes, como o general dominicano, não obstruiu o processo de apropriação política e militar dos EUA da vitória nas guerras de independência conduzidas pelos cubanos contra o jugo colonial espanhol (Vasconcelos, 2016).

Subsequentemente, uma Assembleia Constituinte foi convocada com o propósito de delinear o novo modelo de regime que viria a vigorar em Cuba. Contudo, o funcionamento dessa instância foi consideravelmente condicionado pela presença ostensiva das tropas norte-americanas e pela assertiva atuação do crescente imperialismo estadunidense na região. Diante de diversas ameaças explícitas por parte do governo norte-americano, em 1901, foi ratificada a conhecida Emenda Platt, cuja proposição foi atribuída a um senador norte-americano homônimo (Sader, 1985). Vasconcelos (2016) corrobora a construção da história da Emenda Platt, trazendo seu contexto:

O recém-formado parlamento cubano de fato aprovou a Emenda Platt, com apoio das associações da classe proprietária como o Círculo de Hacendados, A Unión de Fabricantes de Tabacos, o Centro de Comerciantes, as

Sociedades Econômicas de Amigos del País, entre outros (Vasconcelos, 2016, p.109).

Os Estados Unidos emergiram como a principal potência imperialista na América Latina, assumindo uma posição predominante sobre a outrora influente Inglaterra. Durante esse período, Cuba era utilizada como um laboratório crucial para as estratégias imperialistas norte-americanas na região. Até o ano de 1958, os Estados Unidos exerceram um controle político e econômico substancial sobre Cuba, recorrendo à intervenção militar direta em várias ocasiões, notadamente durante a vigência da Emenda Platt entre 1906 e 1909, em 1912, e de 1917 a 1923 (Library of Congress, 2006).

A decretação da Emenda Platt, que conferiu aos Estados Unidos o direito de intervir nos assuntos internos de Cuba, marcou um período significativo de intervenção militar e influência política. Mesmo após a revogação da Emenda Platt em 1934, alinhada à Política de Boa Vizinhança proposta por Franklin Delano Roosevelt, os governos cubanos continuaram a manter uma complexa interação de interesses com os setores dominantes da ilha e os Estados Unidos. Essa dinâmica persistente contribuiu para a crescente tensão e complexidade das relações bilaterais (Sidarta, 2018).

Ainda para Sidarta (2018), as relações contínuas entre Cuba e os Estados Unidos, mesmo após a revogação da Emenda Platt, alimentaram um fervoroso sentimento nacionalista, moldando a narrativa cubana em direção a uma resistência mais enraizada contra a influência estrangeira, especialmente a estadunidense. Esses eventos históricos culminaram em um nacionalismo cubano profundamente anti-imperialista, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento da identidade nacional cubana e nas relações internacionais da América Latina. Nesse sentido, o turismo ascende com o potencial de reafirmar a força do cenário cubano, uma vez que já existia desde a primeira metade do século XIX e foi fomentado ainda mais a partir da sua implementação com potencial de atividade econômica.

Afirmar que o turismo pode ser caracterizado como atividade contemporânea pode guiar constructos a uma falha teórica grave, já que desde os anos 1950 a atividade é fonte de desenvolvimento para diversos países, estando concentrada especialmente na Antilhas. No contexto, o foco se dava nos EUA, e o mercado principal consistia em jogos e prostituição, quando em meados nos anos 1930 e 1950,

concomitante ao Governo de Fulgêncio Batista, Cuba era vista como berço de impunidade para as organizações criminosas. De fato, os efeitos do domínio norte americano desde a Emenda Platt foram duradouros para a população cubana, onde permeava uma clara divisão: de um lado a sociedade desfavorecida e, de outro, os funcionários das empresas norte-americanas. McGillivray (2012) analisa o contexto de Batista:

É difícil interpretar Batista, assim como os demais populistas “autoritários” que assumiram o poder nos anos 1930. Nascido de uma humilde família de raça mestiça da usina de açúcar do enclave oriental da United Fruit Company – no espectro socioeconômico oposto ao da família espanhola de Fidel Castro, que subarrendava terras aos fazendeiros que vendiam cana à United Fruit –, Batista trabalhou como cortador de cana, carpinteiro, alfaiate e ferroviário antes de ingressar no Exército como estenógrafo em 1921, sendo promovido a sargento em 1928 (Mcgillivray, 2012, p.111).

É nesse contexto que Fulgêncio Batista assume o poder no início dos anos 1930 a partir de uma revolta militar, deixando claro seus interesses em conformidade com os interesses dos EUA. A meta era trazer à ilha um perfil de turistas que fosse ao encontro do padrão da época, com interesse em jogos, bebidas, drogas e prostituição. Para Cirules (1993), a máfia americana tornou-se um dos principais braços do ditador no poder. Ainda nesse cenário de ascensão do turismo cubano, de acordo com Opperman (2017), Havana passou por uma considerável reestruturação, abrindo espaço para clubes, cassinos e hotéis, permitindo, inclusive, que as casas de jogos se tornassem concessão estatal, pontuando uma nova fase de crescentes hábitos turísticos em Cuba. Cirules (1994) traz, em sua obra, um texto fluido que explicita o cenário que começava a se formar no país:

O crime organizado dos estados Unidos iniciou suas atividades e em Cuba nos primeiros anos da década de 20, com o tráfico de rum e outras bebidas alcoólicas; mas a criação de um império delituoso como tal começou a ser efetivado no final de 1933, quando se produziram os primeiros arranjos entre o novato coronel Batista e o financista da Máfia Meyer Lans-ky, por ordens expressas do grande Charles Lucky Luciano (Cirules, 1994, p.11).

A ilha, progressivamente, caiu sob um domínio militar, sendo um processo que teve início com o presidente Machado e foi concretizado posteriormente, durante o regime do ditador Batista. O exército emergiu como entidade política mais influente, construindo um poder que rapidamente se enraizou profundamente na ilha cubana. A estratégia liderada por Fulgencio Batista em 1934 aconteceu com certa facilidade,

sendo caracterizada pela transferência de lealdade das forças armadas de Grau para Mendieta. Esta ação fortaleceu a posição de Mendieta, haja vista que os Estados Unidos atenderam à principal demanda dos cubanos, abolindo a Emenda Platt. Formalmente, a exclusão da Emenda Platt da Constituição aconteceu em 29 de maio de 1934, dando sequência à assinatura de um novo tratado (Gott, 2006).

Ainda para Gott (2006), ao término de seu mandato de quatro anos, Batista mantinha esperanças de que seu primeiro-ministro, Saladrigas, ex-líder do ABC, pudesse chegar à presidência. No entanto, os eleitores elegeram Grau San Martín, frustrando as expectativas de Batista. Esta dinâmica eleitoral remete às memórias do ano de 1933, quando Grau chegou ao poder. Uma vez empossado, Grau deu continuidade à abordagem iniciada por Batista, de teor reformista, o que prontamente desapontou seus aliados radicais. De acordo com o cenário de crescente polarização no contexto da Guerra Fria, e com o apoio de seu ministro do Trabalho, Prío Socarrás, Grau adotou postura de oposição ao Partido Comunista e ao sindicato de trabalhadores, conhecido como CTC, que era dominado pelos comunistas.

O golpe militar promovido por Fulgencio Batista em 10 de março de 1952 caracterizou o fim abrupto de um período de frágil democracia em Cuba, reconhecido pelas presidências de Grau San Martín (1944-1948) e Prío Socarrás (1948-1952). Esta intervenção militar resultou no encerramento da política institucional, frustrando as expectativas de várias lideranças que depositavam confiança na legitimidade do sistema como base para a promoção de mudanças socioeconômicas necessárias ao país. Entre essas lideranças, ressaltava-se a figura de Fidel Castro, que se apresentava como candidato a deputado pelo Partido Ortodoxo nas eleições programadas para 1º de junho, mas que foram anuladas por decreto de Batista (Ayerbe, 2004). Sader (1985) interpõe um importante ponto, quando analisa a situação pela perspectiva macro:

Num clima de enorme euforia e de mobilizações de rua cotidianas por parte do povo em todo o país, o novo governo tomou imediatamente uma série de medidas, entre as quais a extinção da polícia de Batista, a supressão dos tribunais especiais criados pelo regime anterior e o decreto de nulidade da Emenda Platt, em vigor desde a intervenção norte-americana no começo do século. O Congresso foi igualmente dissolvido, por ter sido resultado de eleições sem nenhuma legitimidade nacional, e voltou a vigorar a Constituição de 1940. No plano militar, o Exército Rebelde passou a ser a nova instituição armada do país, incorporando oficiais e soldados do antigo Exército não comprometidos com seus crimes (Sader, 1985, p.42).

Assim, a ascensão ao poder através de um golpe militar não apenas rompeu com a continuidade democrática em Cuba, mas também frustrou qualquer tentativa de alguns políticos em canalizar suas aspirações de reforma através de mecanismos institucionais. Este evento marcou o início de uma era de instabilidade política e conflitos sociais que iriam moldar o futuro da nação caribenha nas décadas seguintes, deixando um legado duradouro de polarização e luta pelo poder.

### **3.2 O grande período de Revolução (1953-1959)**

Desiludidos com a trajetória da institucionalidade de perpetuação da corrupção e da violência, um grupo de revolucionários, inspirados pelo proeminente José Martí, retomou um plano militar antigo: um ataque ao Quartel Moncada, situado em Santiago de Cuba. A escolha estratégica daquela região como cenário para o ato insurgente teve fundamento em sua longa tradição de radicalismo político, remontando às lutas de independência do século XIX, o que acabava indicando uma maior propensão no apoio aos movimentos revolucionários. Além disso, Santiago de Cuba, situada na extremidade oposta da ilha em relação à capital, possuía menos contingentes militares, o que certamente poderia proporcionar uma grande oportunidade estratégica, considerando o tempo necessário para a mobilização das tropas em direção ao local de ataque (Sader, 1985). O objetivo estratégico do plano militar era a captura do Quartel Moncada, local que era considerado um símbolo significativo de autoridade estatal, além da distribuição de armas para a população e da ocupação de pontos estratégicos da cidade e do Estado. Essa estratégia buscava estabelecer controle sobre toda a região oriental do país.

Em 26 de julho de 1953, ocorreu o ataque armado ao quartel (Figura 2), liderado por Fidel Castro, um jovem de 26 anos, cujo papel na política e na história cubana projetava-se daquele momento para mais de meio século.

**Figura 2 – Assalto ao Quartel Moncada em 1953**



Fonte: Boitempo, 2012.

O assalto ao Moncada, juntamente com uma ação paralela contra o quartel em Bayamo, foi planejado com a intenção de apoderar-se das armas do arsenal, no entanto, sua verdadeira motivação fora a derrubada do governo Batista. O ataque ao Quartel Moncada representou um desafio direto ao regime estabelecido, mantendo-se como um ponto de partida fundamental para a formação do Movimento Revolucionário 26 de Julho, uma organização revolucionária que viria a assumir o controle político do país em menos de seis anos. Além disso, o ataque ao Moncada contribuiu significativamente para a ascensão do líder Fidel em toda a ilha, consolidando seu nome como uma figura relevante no cenário político cubano e lançando as bases para sua futura influência e liderança (Gott, 2006). Conforme Ayerbe (2004), é possível visualizar o contexto da seguinte forma:

A ação não teve sucesso. O confronto armado se deu antes do planejado, precipitado pelo aparecimento inesperado de uma patrulha do Exército que vinha na direção dos carros que se postavam diante do quartel e que aguardavam a abertura das portas por parte do grupo responsável por dominar os guardas. Um dos combatentes abriu fogo contra um soldado que apareceu numa janela e desencadeou o tiroteio num momento em que o grupo de ataque se encontrava em posições vulneráveis ao alcance do fogo inimigo. O número de baixas entre os insurgentes chegou a noventa, a maioria assassinada após o combate. As principais lideranças, entre elas Fidel Castro e seu irmão Raúl, foram encarceradas (Ayerbe, 2004, p.30).

Apesar dos esforços de planejamento, o assalto ao Quartel Moncada não alcançou seus objetivos imediatos e teve como resultado um confronto armado que culminou na captura e prisão dos líderes, incluindo o próprio Fidel Castro, além da morte de muitas lideranças. Desta forma, este evento estava longe de ser apenas um episódio isolado, marcando assim o início de uma nova fase na luta revolucionária em Cuba, desencadeando uma série de eventos e transformações que moldaram o decorrer da história do país.

Além disso, o fracasso aparente do ataque serviu como base para o surgimento de um movimento mais amplo e focado, que, ao longo do tempo, reuniria forças e recursos para desafiar efetivamente o regime de Batista e, posteriormente, estabelecer um governo socialista em Havana. Gott (2006) confirma que:

O regime cobrou vingança. Um general superior veio de Havana com instruções específicas de Batista, definindo o que devia ser feito. Era "humilhante e desonroso para o exército ter perdido em combate três vezes mais homens do que os insurgentes", afirmara o general, segundo o relato de Castro no processo subsequente. "Dez prisioneiros devem ser fuzilados para cada soldado morto." Essa foi a ordem de Batista, e ela foi seguida à risca. O banho de sangue decorrente, com mais de 70 guerrilheiros mortos no cativeiro, contribuiu em muito para virar a opinião pública contra o regime. Somente a intervenção do arcebispo católico de Santiago foi capaz de fazer parar a matança (Gott, 2006, p.174).

A captura dos líderes do ataque ao Moncada, bem como sua subsequente prisão (Figura 3), não simbolizou apenas a resistência do regime, mas também o fomento à onda de rebelião e de indignação popular, tornando-se um ponto crucial para a mobilização e a organização dos dissidentes. Além disso, o impacto desse evento não se refletiu apenas em Cuba, mas internacionalmente, gerando debates e discussões sobre a legitimidade do governo Batista e despertando a solidariedade de movimentos e líderes revolucionários em outras partes do mundo. Portanto, o assalto ao Quartel Moncada não foi apenas um episódio isolado, mas sim um marco fundamental para Cuba.

**Figura 3: Fidel Castro na prisão em julho de 1953 após o Assalto ao Quartel Moncada.**



Fonte: Wikipedia, 2020.

Em setembro, Castro fora processado em Santiago, juntamente com dezenas de acusados, esquerdistas que sequer participaram do ataque ao Quartel Moncada. É neste momento que Fidel, advogado formado, redigiu sua própria defesa utilizando como argumento a ilegalidade do regime, além de reafirmar seu direito enquanto cidadão de rebelar-se contra um governo ilegal. A defesa dos prisioneiros liderada por Fidel Castro alcançou grande sucesso, resultando na condenação de apenas 26 dos revolucionários, sendo eles tratados com relativa brandura. Os juízes em Santiago mantiveram sua autonomia decisória, enquanto Raúl Castro, um dos líderes, recebeu a sentença de 13 anos de prisão. Fidel inicialmente não estava entre os acusados, tendo seu próprio julgamento em um tribunal distinto. Durante o processo, discursou por aproximadamente duas horas, defendendo suas ações e resumindo todo o seu programa político. "Condenem-me, não importa", concluiu, "a história me absolverá." (Gott, 2006). Em conformidade com o contexto citado por Gott (2006), tem-se a obra de Sader (1985) que corrobora com o cenário histórico afirmando que:

Os companheiros de Fidel foram conduzidos para a prisão-modelo da ilha de Pinos, uma ilha situada ao sul de Havana, enquanto o líder do frustrado ataque era isolado de seus comandados e submetido a um processo especial. O jovem advogado assumiu sua própria defesa, para a qual escreveu o documento que se transformaria no programa do Movimento 26 de Julho — que tomou o nome da data do assalto ao quartel Moncada (Sader, 1985, p.21).

O discurso de Fidel tornou-se um verdadeiro manifesto do movimento revolucionário, descrevendo as cinco leis revolucionárias que teriam sido realizadas caso o ataque ao Quartel Moncada tivesse alcançado êxito. Castro só cumpriu uma pequena parte de sua sentença, graças a oferta de uma anistia que viria logo a seguir. Enquanto ele estava preso, ocorreram eleições presidenciais em novembro de 1954, tendo Batista como candidato único, embora o ex-presidente Grau San Martín tenha inicialmente lançado sua candidatura, esperando reter algum apoio popular. Huberman (1960) aponta que:

Tendo finalmente a oportunidade de falar em sua própria defesa, Fidel o fez durante cinco horas. Seu discurso não foi um pedido de clemência, pelo contrário, foi uma acusação ao regime Batista. Sua argumentação estava cheia de citações de Direito, Ciência Política, Economia, História e Filosofia. Era tão culto como longo, e tinha a eloquência que só se poderia encontrar numa pessoa com uma ardente visão de glória para seu país. Foi um dos maiores discursos da história da luta pela liberdade, em todo o mundo (Huberman, 1960, P.54-55).

Percebendo a situação de fraude eleitoral, o que era considerado uma tradição cubana, Grau San Martín acabou retirando sua candidatura e Batista venceu as eleições. Com a proposta de restaurar um governo constitucional e de garantir a liberdade de imprensa, Batista propõe oferecer anistia aos prisioneiros políticos, incluindo os irmãos Castro (Sader, 1985).

Após se passarem dois meses desde sua libertação da prisão, Castro inicia sua jornada no México, onde permaneceu por pouco mais de um ano, focado na tarefa de organizar um grupo com o propósito de retornar a Cuba e promover uma nova ofensiva insurrecional. Neste intervalo de tempo, é estabelecida uma comunicação contínua com a resistência clandestina no país anfitrião, especialmente com o Movimento 26 de Julho, chamado de M-26/07. O grupo referenciava e propunha seguir o norte do ataque ao Moncada e, no dia 16 de agosto, emite publicamente seu manifesto de oposição à ditadura, fundamentado no texto de defesa de Fidel Castro, em “La Historia Me Absolverá”. Tal obra, inclusive, merece especial atenção em um trecho específico,

que afirma o contexto envolto no pertencimento da população cubana quanto à revolução:

Advirto-vos que acabo de começar. Se em vossas almas resta ainda algum vestígio de amor à pátria, à humanidade, à justiça, escutai-me com atenção. Sei que me obrigarão ao silêncio durante muitos anos; sei que tratarão de ocultar a verdade por todos os meios possíveis; sei que contra mim erguer-se-á a conjura do esquecimento. Mas minha voz não se afogará por isso; ela adquire forças em meu peito quanto mais isolado me sentir. E quero dar a meu coração todo o calor que lhe negam as almas covardes. (Castro, 1986, p. 21)

Ademais, paralelo à articulação da resistência interna, o M-26/07 propõe o envio de grupos de militantes ao México, os quais serão integrados ao grupo de resistência que retornará para retomar a luta armada em Cuba (Ayerbe, 2004).

A expedição, constituída por 82 indivíduos, sendo 78 cubanos, um argentino, um italiano, um mexicano e um dominicano, estava programada para ter o seu início em 25 de novembro de 1956 a bordo do Granma, um barco que foi originalmente construído para transportar turistas e com uma capacidade para apenas 25 pessoas. O plano desenvolvido era de que o M-26/07 liderasse uma campanha de mobilização em Santiago, planejada para ocorrer no dia 30 de novembro, batendo com a data prevista para a chegada do Granma. Apesar das expectativas não terem sido completamente cumpridas em relação ao contingente esperado, as operações em Cuba seguiram o cronograma estabelecido. No entanto, contratempos acabaram afetando o grupo, que só conseguiu desembarcar alguns dias depois do previsto, parando na Praia dos Colorados, local onde as forças leais a Batista estavam em alerta, resultando em um ataque devastador para os guerrilheiros (Ayerbe, 2004). Gott (2006) corrobora que:

[...] o Granma e a sua carga de 82 voluntários guerrilheiros tinham zarpado de Tuxpan uma semana antes. A longa viagem de cerca de 1.200 milhas em mar agitado pelo Golfo do México deixou a maioria dos tripulantes mareados e despreparados para o que os esperava adiante. O plano era que uma pequena força estaria esperando por eles na praia deserta, e de lá partiriam em grupo, ilha adentro até Bayano e Santiago. O desembarque fora programado para coincidir com um levante em Santiago, um novo ataque contra o quartel de Moncada e o quartel-general da polícia. A ação distrairia as forças locais de Batista e permitiria aos homens de Castro chegar às montanhas sem resistências mais sérias (Gott, 2006, p.179).

Ainda para Ayerbe (2004), um dos desafios da expedição, que era composta por uma grande diversidade de nacionalidades, é que o barco acolhia um número bem maior do que a capacidade de fato, sendo evidenciado pela forma como foi utilizado

e que originalmente era destinado ao turismo, como meio de transporte. O plano estratégico do M-26/07 incluía a mobilização da população em Santiago, a fim de coincidir com o desembarque do Granma, mesmo que o número esperado de combatentes não tenha sido atingido. Conceição (2023) traz detalhes sobre o cenário, com fulcro em documentos históricos:

Após algumas vitórias da guerrilha estabelecida no campo contra as tropas de Fulgêncio, os movimentos revolucionários começam a crescer nas cidades, onde a oposição torna-se mais radical. Com a oposição se tornando cada vez maior, há uma tentativa de invasão ao palácio presidencial, local que hospedava Fulgêncio Batista, muitas baixas foram registradas por parte da oposição e a missão de invasão falha (Conceição, 2023, p.22).

A chegada do Granma esteve longe de passar despercebida e acabou desencadeando uma série de eventos adversos para o grupo de guerrilheiros. Poucas horas após o desembarque, o grupo foi alvo de uma série de ataques aéreos e terrestres por parte da defesa de Fulgencio, resultando na morte de vários membros e na captura de 22 guerrilheiros, os quais foram posteriormente submetidos a julgamento. Apesar de restarem apenas 12 sobreviventes daqueles eventos, é considerável supor que o número real de vítimas seja maior. Após três dias, os sobreviventes se reuniram novamente em Alegría del Pino, no entanto, foram acometidos de uma emboscada, resultando em mais baixas. Desorientados, com fome e cansados, os remanescentes percorreram diversas áreas sem direção por dez dias antes de finalmente encontrarem apoio interno (Gott, 2006). Sader (1985) sintetiza o cenário apresentado por Gott (2006) da seguinte forma:

A zona onde começou a atuar a guerrilha — a Sierra Maestra — abrangia todo o estado de Oriente, a região tradicionalmente mais rebelde do país, desde o início das guerras de independência no século passado. O terreno se adaptava às necessidades de um pequeno grupo de homens cuja ação teria de se nortear pela mobilidade e pelo fator surpresa, para poder enfrentar um Exército centenas de vezes superior em contingentes e em armamento (Sader, 1985, p.33).

Sader (1985) discorre ainda que a efetividade da guerrilha estava essencialmente na sua relação com a população, contrastando significativamente com a abordagem das forças militares do exército de Batista. O Exército Rebelde, nome atribuído aos guerrilheiros responsáveis pelo Movimento 26 de Julho, adotou desde o início uma abordagem política de propaganda revolucionária entre os camponeses, além de auxiliar no suporte das atividades do dia a dia dos trabalhadores. Este suporte

incluía desde assistência sanitária e orientação médica até programas de alfabetização. Os guerrilheiros pagavam integralmente pelos produtos consumidos dos camponeses, diferenciando-se do comportamento arbitrário da polícia rural e do Exército Oficial quando atuavam em áreas remotas e negligenciadas do país. Huberman (1960) explicita como a construção de relações sociais entre os guerrilheiros e a população se estabeleceu de forma gradativa, baseada em laços de confiança que foram formados a partir de experiências concretas:

Desses contactos práticos nasceu um sentimento de confiança mútua, que por sua vez levou os camponeses a terem fé na política e no programa de Fidel, não porque ele dissesse o que desejavam ouvir (embora isso também acontecesse), mas porque sua experiência no trato com os rebeldes mostrava que eles eram sinceros. E em nenhum momento ou de forma alguma traiu Fidel essa confiança, que os camponeses da Sierra Maestra a princípio, e depois toda a ilha, depositaram nêle (Huberman, 1960, p.107).

Sob a liderança de Fidel Castro, o Exército Rebelde iniciou sua fase de confronto nas montanhas (Figura 4), utilizando de uma estratégia nômade de pequenas ações e constante mobilidade para evitar confrontos diretos com as tropas de Batista.

**Figura 4 – Trajeto realizado pelo grupo de guerrilheiros**



Fonte: Wikipédia.

O primeiro combate ocorreu em 17 de janeiro de 1957 contra uma instalação militar em La Plata, aproximadamente um mês e meio após o desembarque. O ataque teve êxito, culminando na tomada do quartel após a rendição da guarnição. A curta duração do combate se deu devido à surpresa da ação, que impediu a chegada de reforços. Os soldados remanescentes contabilizaram dois mortos e cinco feridos, enquanto os guerrilheiros, após prestar assistência aos feridos, retiraram-se com o

armamento capturado e sem sofrer nenhuma baixa (Sader, 1985). Mola e López (2006) trata especificamente sobre o contexto do acontecimento em La Plata:

La victoria de La Plata, además de la importancia que tuvo desde el punto de vista militar pues representó un éxito indiscutible, tuvo una significación notable por el hecho de que echó por tierra las campañas de la tiranía que trataba de negar la presencia de Fidel y los hombres que junto a él combatían en la Sierra Maestra, demostró la decisión de lucha del naciente Ejército Rebelde y reafirmó aún más entre sus integrantes la confianza en la posibilidad del triunfo y en la hábil conducción de Fidel (Mola; López, 2006, p.29).<sup>4</sup>

A vitória sobre as tropas que tentaram conquistar Sierra Maestra e prender os guerrilheiros representou um momento crucial no desenrolar da empreitada, constituindo-se em um triunfo significativo para os envolvidos, que compensou o fracasso da greve que estava posta. Diante dessa conquista, Castro percebeu a oportunidade de planejar a etapa final do conflito, marcando o momento para organizar a invasão da parte ocidental da ilha cubana, seguindo os passos históricos de Gómez e Maceo, em 1896. Che Guevara, médico de formação, se destacou como líder guerrilheiro e teórico marxista, defendendo a luta armada e apoiando, lado a lado, o M 26/07. Nesse contexto, Che Guevara foi direcionado para estabelecer-se na província central de Las Villas, enquanto Camilo Cienfuegos deveria avançar para a província ocidental de Pinar del Río, consolidando assim a autoridade de Castro sobre a guerrilha de Escambray. Juntos, partiram no final de agosto, liderando uma força conjunta de 230 homens. Guevara alcançou as montanhas de Las Villas em outubro, enquanto Fidel, um mês depois, iniciava sua marcha para Santiago e Raúl Castro avançava a partir do norte (Gott, 2006).

Ainda conforme Gott (2006), a luta persistiu em vários locais durante o outono, terminando com a chegada de Manuel Urrutia – posteriormente nomeado presidente de Cuba – à pista de pouso de Sierra Maestra no início de dezembro, simbolizando a iminência do desfecho final do conflito. Enquanto isso, Cienfuegos deixa Havana e dirige-se em direção a Pinar del Río. Guevara, por sua vez, conseguiu capturar a

---

<sup>4</sup> A vitória em La Plata, além da importância militar que representou como um sucesso inquestionável, teve um significado notável pelo fato de ter desfeito as campanhas da tirania que tentavam negar a presença de Fidel e dos homens que lutavam com ele na Sierra Maestra. Demonstrou a determinação de luta do emergente Exército Rebelde e reafirmou ainda mais entre seus integrantes a confiança na possibilidade de triunfo e na habilidosa liderança de Fidel (tradução nossa).

cidade central de Santa Clara no final daquele mesmo mês, consolidando assim a presença guerrilheira na região. Após apenas dois anos de intensos embates nas montanhas, Castro havia firmado seu domínio sobre seus opositores em outras regiões do país, encontrando-se ao lado da vitória. A habilidade de seus comandantes, antigamente considerados meros amadores, foi crucial nesse processo. Guevara, Cienfuegos e Raúl Castro demonstraram qualidades notáveis de liderança, além de grande visão estratégica, sendo recompensados não apenas com o sucesso militar, mas também com a estima e lealdade de seus homens.

Até o momento, a guerrilha já havia estabelecido extensas áreas de "territórios livres", regiões que estavam sob o controle absoluto dos revolucionários, e onde eram implementadas novas formas da nova ordem social. Estes locais já ofereciam serviços educacionais e de saúde, além de governos locais responsáveis pela cobrança de impostos e pela execução das melhorias determinadas pela população em assembleias populares. Uma reforma agrária foi proposta e implementada nessas áreas, permitindo que os camponeses tivessem acesso à terra através da reorganização de latifúndios e da organização dos pequenos proprietários em cooperativas (Sader, 1992).

Tendo em vista esse apoio consolidado e a derrota da ofensiva de Batista, o Exército Rebelde iniciou sua marcha em direção à capital do país. Duas grandes colunas, incluindo uma liderada por Che Guevara, foram enviadas à Sierra Maestra com o objetivo de dividir a ilha e, logo na sequência, continuar até Havana. A ofensiva teve início no final de agosto de 1958 e culminou na tomada da capital pelos revolucionários quatro meses depois. A crescente conquista de províncias cubanas congelou as tropas de Batista na região oriental, enquanto Havana ficava cada vez mais cercada. Para tentar romper o cerco iminente, Batista enviou um trem blindado em direção a Santiago de Cuba, que acabou sendo interceptado pelas tropas de Che Guevara no centro do país (Sader, 1992).

O colapso do regime de Batista no primeiro dia de 1959 marcou o fim de quase oito anos desde o golpe militar que o colocou no poder. Este evento aconteceu cinco anos e meio após o ataque do Quartel de Moncada e pouco mais de dois anos desde o desembarque dos revolucionários na ilha cubana, buscando reestruturar o regime estabelecido. Desta forma, encerraram sessenta anos de uma pseudorrepública em

Cuba, dando início a uma das fases mais importantes da história da ilha. A medida em que a queda do governo se tornava inevitável, Batista anunciou sua saída de Cuba. Após ser negado asilo pelos Estados Unidos, ele viajou para a República Dominicana, governada por seu amigo, Leonidas Trujillo, abandonando o pânico entre as elites dominantes cubanas (Sader, 1992). Gott (2006) trabalha sua perspectiva em uma linha que vai ao encontro dos teóricos citados no decorrer do trabalho, demonstrando uma força narrativa da derrota de Batista e usando como pano de fundo a visível interligação entre ídolos norte-americanos e o general:

O general Batista se retirou na véspera do Ano-Novo, voando da base de Camp Columbia para fora do país com a família e amigos. Eles esperavam cruzar as águas entre Havana e Santo Domingo, governado pelo amigo de Batista, Leonidas Trujillo. O sargento mulato que havia dominado a política de Cuba por um quarto de século fez a sua humilhante saída final. O homem que outrora admirara Franklin Roosevelt, e que tinha um busto de Abraham Lincoln na sua escrivaninha, fora abandonado pelos seus amigos americanos. No começo da década, ele imaginara ser o homem que resolveria a crise sistêmica de Cuba dando um golpe para acabar com a corrupção da velha classe política. Fracassara desanimadoramente, e só conseguira tornar as coisas ainda piores. Agora era a vez de Fidel (Gott, 2006, p.190).

Em 2 de janeiro de 1959, em uma varanda de Santiago de Cuba, diante do Parque Céspedes, Fidel Castro proferiu seu primeiro discurso na alvorada da Revolução. A escolha da cidade não foi aleatória, mas sim como um gesto de reconhecimento pela participação na luta na Sierra Maestra, além de uma declaração explícita de que a humilhação que Cuba viveu em 1898, decorrente dos desembarques norte-americanos, não mais se repetiria. Ao anunciar "A Revolução começa agora", Fidel Castro enfatizou que desta vez não se repetiriam os eventos de 1898, quando os Estados Unidos exerceram controle sobre o país. No primeiro dia de seu governo, o líder revolucionário desafiou abertamente os Estados Unidos, mesmo tendo jantado naquela noite com o cônsul norte-americano e sua esposa em Santiago (Gott, 2006).

Gott (2006) menciona que o novo regime revolucionário demonstrou agilidade nos primeiros seis meses ao utilizar a estrutura governamental que já existia para favorecer seus partidários nos segmentos mais pobres da sociedade. Além disso, quando necessário, foram estabelecidas novas instituições para atender às demandas que iam surgindo. No início de janeiro, as primeiras ações que foram lideradas pelo presidente Urrutia, foram caracterizadas pelo foco moral, reflexo da personalidade de

Urrutia, e representaram uma clara ruptura com o passado recente de Cuba: bordéis e cassinos. Essa medida encontrou resistência imediata por parte de prostitutas, crupiês, garçons e outros profissionais do setor de entretenimento.

Na primeira de muitas intervenções que iriam ocorrer, Castro solicitou o adiamento das demissões, indo de encontro com a decisão de Urrutia, argumentando que a população não poderia ser privada de emprego abruptamente, sem que houvesse alternativas de trabalho imediatas. Outra decisão de Castro que desagradou ainda mais Urrutia foi relacionada aos ministros de Estado, que foram instruídos a aceitar reduções salariais, enquanto o salário de Urrutia permanecia em 100 mil pesos cubanos por ano, o mesmo valor recebido por Batista. Em fevereiro, os salários dos juízes foram reduzidos, mas os funcionários de níveis mais baixos da burocracia estatal receberam aumentos (Gott, 2006).

Durante a visita de Castro a Washington em abril, Richard Nixon, presidente dos EUA, se tornou a primeira figura de alto escalão dos Estados Unidos a se encontrar com o líder cubano, em uma reunião que teve uma duração de três horas. Este encontro foi muito significativo, pois contrastava com a atitude anterior do presidente Eisenhower, que havia ignorado a visita de Fidel (Gott, 2006).

Gott (2006) ainda afirma que, no contexto subsequente, em junho, poucas semanas depois da promulgação da lei da reforma agrária em Cuba, os EUA enviaram uma nota oficial protestando, fato este que era esperado pelo governo cubano. Nessa comunicação, os Estados Unidos expressaram sua preocupação com o potencial impacto negativo da reforma sobre a economia cubana, argumentando que ela desmotiva o investimento privado tanto na agricultura quanto na economia no geral. Além disso, os EUA criticaram a indenização proposta pela lei, exigindo que fosse "pronta, adequada e efetiva", uma expressão que seria repetida nos meses seguintes. Uma das principais questões levantadas era o método de avaliação de bens expropriados, que se baseava nos valores declarados pelos proprietários de terras em suas declarações de renda, sendo eles consideravelmente baixos em relação ao preço atual da terra, gerando problemas adicionais nas relações entre os dois países.

Ayerbe (2004, p.46) discorre que [...] “em relação a Cuba, o governo Eisenhower deixa para seu sucessor um plano de invasão da ilha, pelo treinamento de um grupo paramilitar composto fundamentalmente por exilados cubanos”.

Com a eleição de Kennedy e o retorno do Partido Democrata ao poder, houve uma importante mudança na abordagem intervencionista da gestão de Eisenhower, que havia priorizado ganhos de curto prazo e limitado as opções de resolução das crises internacionais. Os EUA passaram a adotar uma estratégia de esvaziamento das alternativas não capitalistas ou nacionalistas anti-norte-americanas, buscando estabelecer um consenso majoritário que favorecesse as vantagens oferecidas pelo alinhamento com o mundo livre. Esta mudança de perspectiva refletiu uma nova orientação política, marcada por uma abordagem mais flexível e multilateral nas relações internacionais, buscando a construção de parcerias e alianças estratégicas em todo o mundo (Ayerbe, 2004).

Ayerbe (2004) enfatiza que durante os anos em que Kennedy esteve à frente do governo, observou-se um aumento significativo da importância da América Latina na política externa dos Estados Unidos. Este período foi caracterizado por uma ampliação dos esforços diplomáticos e econômicos na região, com o objetivo de consolidar o apoio aos interesses norte-americanos e promover o desenvolvimento econômico e político na região. Esse novo foco na América Latina refletiu não apenas a crescente importância geopolítica da região, mas também a percepção de Kennedy de que uma abordagem mais engajada e cooperativa poderia fortalecer os laços e mitigar as tensões sociais e políticas que ameaçavam a estabilidade regional.

Neste contexto, a Revolução Cubana emerge como um indicativo do que potencialmente poderia ocorrer em outros países caso a política externa dos Estados Unidos continuasse a se basear exclusivamente no intervencionismo. A percepção dos líderes norte-americanos é de que a Revolução Cubana representa um desafio ideológico e político, enfatizando a possibilidade de outros movimentos semelhantes surgirem na América Latina e em outras regiões. A mudança de direção proposta pela administração Kennedy tem como eixo inicial a promoção de reformas econômicas e sociais na região. No entanto, isso não implica o abandono das políticas preventivas e repressivas das administrações anteriores. A postura pragmática adotada pelo governo Kennedy visava implementar políticas de reforma estrutural por meio da criação da Aliança para o Progresso (ALPRO), enquanto paralelamente reforçava a política de treinamento e equipamento das forças repressivas, com o propósito de prevenir novas experiências inspiradas na Revolução Cubana. Essa abordagem reflete a complexidade das dinâmicas políticas e sociais da época, marcadas pela

busca de estabilidade e influência na região latino-americana (Ayerbe, 2004). Farias (2008) estabelece o objetivo marcante do cenário:

O objetivo imediato da investida era ter o controle do sul do território cubano nas mãos daqueles contrários ao governo de Fidel Castro (no poder desde o início de 1959), e em seguida avançar pelo país colhendo apoio da população para derrubar o regime vigente (Farias, 2008, p.105).

O governo cubano estava ciente de que a oposição pertencia principalmente ao território norte-americano. Desde a vitória sobre Batista, a Revolução Cubana implementou reformas democráticas que afetaram os interesses das grandes empresas capitalistas, em sua grande maioria de estruturas norte-americanas. Embora a sociedade cubana em abril de 1961 não fosse totalmente socialista em termos de estrutura social, já havia se rompido significativamente com o capitalismo dependente do qual se submetia desde a Emenda Platt. O reconhecimento do caráter socialista da Revolução Cubana desenharia seus próximos passos, refletindo o desejo de uma construção ideológica de seus líderes e a polarização de classes internas, além de uma postura inflexível do governo dos Estados Unidos, que se opunha até mesmo às reformas democráticas iniciais do processo cubano. A guerra agora abrangia não apenas o plano político e militar, mas também entrava na seara ideológica, tornando evidente a complexidade do confronto entre os dois países (Sader, 1992).

Com efeito, quase ao alvorecer, dezenas de pára-quedistas se lançaram nas imediações da península, iniciando a tomada da 'cabeça de praia'. O grosso da Brigada 2605, uma expedição de 1400 mercenários treinados, na maioria, na Guatemala, divididos em sete batalhões, de 200 homens cada, por cinco navios, estava chegando a Playa Girón (Baía dos Porcos) para o desembarco anfíbio e aéreo. Saltando de uma balsa separada da grande embarcação, homens-rãs dirigiram-se ao extremo direito de Playa Girón. Outra parte da expedição deslocou-se à contígua Playa Larga. Alguns oficiais da CIA monitoravam as operações do desembarque a distância (FURIATI, 2003, p.440, apud DA CRUZ BUSATTO, 2021, p.582).

Cuba ainda estava se estruturando após o período pré-revolução, momento em que, após delineadas as intenções norte-americanas, uma força invasora composta por cerca de 1.500 homens, treinada na Nicarágua por instrutores norte-americanos e composta por exilados cubanos e mercenários, desembarcou na praia de Girón, na baía dos Porcos. Para visualizar a situação de uma forma prática, recorre-se à Lima (2016), que traduz:

O ataque foi financiado pelos Estados Unidos através de CIA, que se encarregou também de treinar as tropas, o que foi feito na Guatemala. Os planos começaram a ser elaborados ainda durante o governo Eisenhower, mas foram colocados em prática por Kennedy. Além do desembarque, ele previa assistência aérea, ações de sabotagem na ilha e estratégias diversionistas, que foram se desenvolvendo a partir de fevereiro por grupos menores infiltrados (Lima, 2016, p.5)

Esta invasão contava com apoio aéreo disfarçado com insígnias cubanas, numa tentativa de simular uma rebelião interna dentro das Forças Armadas cubanas. Apesar da resistência inicial das Milícias Populares locais, o Exército cubano, ainda que mal equipado, conseguiu conter o avanço das tropas invasoras, mesmo assim a ação resultou em muitas mortes de civis devido aos bombardeios aéreos. Sob o comando direto de Fidel Castro, o desembarque foi estagnado em 72 horas, demonstrando a disposição da população cubana em defender o governo revolucionário, desmentindo as expectativas dos grupos exilados em Miami e o governo dos EUA sobre uma possível adesão popular à invasão (Sader, 1992).

A Invasão da Baía dos Porcos, ocorrida nesses intensos anos de Guerra Fria, não apenas foi um evento histórico, mas também representou um marco significativo na política internacional da época, desencadeando uma série de consequências tanto em nível institucional quanto entre os diversos movimentos sociais e políticos ao redor do mundo. Internamente, esse episódio teve um impacto profundo, criando as condições perfeitas para que Fidel Castro intensificasse o processo revolucionário em Cuba. Foi nesse contexto que a Revolução Cubana oficialmente declarou sua orientação socialista, onde a palavra "socialista" foi mencionada pela primeira vez para definir o regime cubano em 16 de abril, sendo posteriormente ratificada em 1º de maio. Castro, percebendo a oportunidade posta, soube aproveitar a rejeição ao inimigo externo para consolidar e fortalecer o apoio interno, unindo os cubanos em torno de um projeto coletivo de construção de uma sociedade socialista, fundada em ideais de justiça social, igualdade e independência nacional (Lima, 2016).

#### **4. DA ALIANÇA À QUEDA: OS REFLEXOS DE UMA CUBA ALIADA À URSS**

##### **4.1. A Aliança**

Sem invasão ou em guerra, os americanos buscaram derrubar Castro por todos os meios, orquestrando diligentemente uma coalizão internacional contra a ilha na América Latina. Sob grande pressão dos Estados Unidos, a Organização dos Estados

Americanos votou pela expulsão de Cuba no início de 1962, com o objetivo de isolar diplomaticamente a nação caribenha, mas sem sucesso, pois Cuba nunca foi isolada. A expulsão do governo cubano se deu devido a alegação de que o marxismo-leninismo – e não exclusivamente a ausência de eleições – era incompatível com os valores democráticos do hemisfério. Consequentemente, os governos da América Latina alinharam-se contra a Revolução Cubana, deixando a ilha em um limbo diplomático e econômico. Em resposta à decisão da OEA, Castro fez um discurso longo em fevereiro, conhecido como a Segunda Declaração de Havana. Nesse discurso, enfatizou as ambições continentais da Revolução com um novo slogan: é dever de todo revolucionário fazer a revolução. Ele afirmou que a revolução triunfaria na América e no mundo, encorajando os revolucionários a não esperarem passivamente pelo colapso do imperialismo. Esse discurso representou um chamado à ação, incentivando movimentos de resistência e guerrilha contra regimes considerados opressores na região (Gott, 2006).

Para Lopez (2009), a exclusão de Cuba da OEA desde 1962 não implicou uma estagnação do lugar nem do discurso sobre a separação de Cuba no sistema interamericano. O tratamento do tema cubano é esperado, tendo em vista o caráter mutável da OEA e das normas regionais que a sustentam. A estruturação do discurso sobre Cuba na OEA é baseada em normas derivadas de mecanismos de hegemonia, em vez de dominação. Em 1962, a hegemonia estadunidense na região definiu a defesa da democracia na OEA com termos anticomunistas. Esse processo de institucionalização foi contraproducente, entendendo-se como a institucionalização de uma norma de maneira incoerente com seus objetivos proclamados.

Castro deu sinal verde para movimentos guerrilheiros ao estilo cubano em todo o continente, com o objetivo de subverter regimes existentes e ajudar Cuba a escapar de seu isolamento. Esses esforços visavam criar uma rede de apoio revolucionária que pudesse desafiar a hegemonia dos EUA na região. Paralelamente, Cuba continuou a demonstrar abertura para a União Soviética, consolidando uma aliança estratégica vital para sua sobrevivência. Na véspera da invasão da Baía dos Porcos, Castro já havia declarado que Cuba era um país "socialista", posicionando-se firmemente no bloco comunista. Visando agradar ainda mais os seus novos aliados, posteriormente, anunciou que era marxista-leninista. Fidel ordenou a construção de um novo Partido Comunista em Cuba, moldado segundo o modelo soviético,

emergindo das cinzas da aliança política anterior, que havia dirigido a Revolução nos primeiros meses. Com essa filiação socialista, Castro esperava garantir o apoio militar soviético, essencial para a sustentação da Revolução Cubana, assegurando proteção contra possíveis agressões externas e estabilizando o regime internamente (Gott, 2006).

Gott (2006) ainda afirma que a URSS estava prestes a assumir o papel histórico de defensora de Cuba, marcando um momento importante na geopolítica do século XX. Para concretizar esse objetivo, adotou uma abordagem controversa ao utilizar uma nova e poderosa arma à época: o míssil nuclear. A decisão de posicionar mísseis em Cuba e a subsequente crise internacional que emergiu dessa escolha têm sido, até os dias de hoje, amplamente investigadas e debatidas por historiadores. Esse evento gerou uma grande produção de relatos, assim como de inúmeros volumes de documentos oficiais. Além disso, conferências entre participantes sobreviventes ocorreram entre 1987 e 2002 em Washington, Moscou e Havana, proporcionando um fórum para a reavaliação detalhada dos acontecimentos e a divulgação de novas descobertas. Lagonotte (2007) estabelece:

Jusqu'en octobre 1962, les deux alliés nourrissent l'un pour l'autre des espérances, qui vont se révéler illusoires du 22 au 27 octobre. Tout d'abord, les Cubains ont confiance dans les Soviétiques. En effet ces derniers, ayant persuadé Kennedy le 14 octobre de garder le silence sur l'installation des fusées 2, sont convaincus de leur emprise sur le « maître de la Maison Blanche » et transmettent cette assurance à leurs alliés. Kennedy souhaitait garder sous silence « l'affaire cubaine » jusqu'aux élections américaines de novembre. De plus, même si le président américain est poussé par le Congrès le 22 octobre à rendre publique la présence des missiles, les Soviétiques continuent d'exprimer un soutien fraternel aux dirigeants cubains, par l'intermédiaire de leurs généraux en place sur l'île. Néanmoins, publiquement, les Soviétiques se montrent beaucoup moins déterminés sur la défense de Cuba, et n'indiquent seulement, comme moyen défensif, que le recours à l'ONU. Les Cubains, au contraire, totalement persuadés de la capacité de l'URSS à les défendre, mobilisent à outrance toute la population cubaine contre une attaque américaine, et l'on perçoit dès lors une appréhension soviétique (Lagonotte, 2007, p.30).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Até outubro de 1962, os dois aliados alimentavam esperanças mútuas, que se revelariam ilusórias entre os dias 22 e 27 de outubro. Primeiramente, os cubanos confiavam nos soviéticos. De fato, estes últimos, tendo persuadido Kennedy em 14 de outubro a manter silêncio sobre a instalação dos mísseis, estavam convencidos de sua influência sobre o "mestre da Casa Branca" e transmitiam essa confiança aos seus aliados. Kennedy desejava manter a "questão cubana" em segredo até as eleições americanas de novembro. Além disso, mesmo que o presidente americano tenha sido pressionado pelo Congresso em 22 de outubro a tornar pública a presença dos mísseis, os soviéticos continuaram a expressar um apoio fraternal aos dirigentes cubanos, por meio de seus generais presentes na ilha. No entanto, publicamente, os soviéticos mostravam-se muito menos determinados na defesa de Cuba, indicando apenas como meio defensivo o recurso à ONU. Os cubanos, ao contrário, totalmente

Apesar da extensa análise histórica sobre a crise dos mísseis de Cuba, o ponto de vista particular da ilha, epicentro do conflito, é frequentemente negligenciado. Embora as decisões cruciais tenham sido tomadas em outros lugares, a perspectiva cubana é vital para uma compreensão completa do evento. A narrativa principal tende a focar nas ações e motivações das superpotências envolvidas, enquanto a experiência cubana e sua influência no desenrolar da crise são frequentemente subjugados. Reconhecer e incorporar a visão de Cuba não só enriquece a historiografia, mas também oferece um entendimento mais equilibrado e abrangente do panorama político da época (Gott, 2006).

Gott (2006) dá sequência mencionando a forma com que as aberturas contínuas de Castro para a União Soviética geraram grande preocupação no governo dos Estados Unidos, que se viu inevitavelmente obrigado a contemplar cenários mais extremos. No entanto, os líderes soviéticos não receberam Cuba de imediato no campo comunista. Durante todo o ano de 1961 e parte de 1962, Moscou exibiu sinais de inquietação compreensível - e divisão - em relação à confiabilidade de seu novo aliado caribenho.

Este período coincidiu com a intensificação da rivalidade ideológica entre a União Soviética e a China de Mao Tsé-tung. Para muitos comunistas ortodoxos em Moscou, a retórica revolucionária de Castro, especialmente ao corroborar a luta guerrilheira e a revolução camponesa, parecia perigosamente próxima da linha adotada pelo líder chinês. Quando Castro se voltou contra certos membros do antigo Partido Comunista de Cuba em 1962, criticando e descartando Aníbal Escalante, um veterano da década de 1930 escolhido para liderar o novo Partido Comunista, moldado à imagem soviética, diversos veteranos russos começaram a questionar a capacidade de julgamento de seu novo parceiro. Essas tensões internas na liderança soviética refletiram-se nas relações com Cuba, influenciando sua abordagem cautelosa em relação ao regime de Castro (Gott, 2006).

O motivo que levou a União Soviética a intensificar sua assistência a Cuba até o nível nuclear e a escolha do momento exato dessa decisão continuam a ser temas de debates. A percepção da defesa e da sobrevivência de Cuba como elementos de

---

convencidos da capacidade da URSS de defendê-los, mobilizaram ao máximo toda a população cubana contra um ataque americano, e percebeu-se a partir de então uma apreensão soviética (tradução nossa).

importância estratégica para os interesses soviéticos é amplamente reconhecida, porém, outros fatores também podem ter influenciado essa decisão. Além do objetivo de garantir a segurança de Cuba, a União Soviética buscava alcançar um equilíbrio de forças nucleares estratégicas mais equitativo com os Estados Unidos, um objetivo que poderia ser avançado através do fortalecimento da capacidade militar cubana (Gott, 2006).

Gott (2006) enfatiza ainda que naquele período a União Soviética liderava a corrida espacial, mas estava atrás dos Estados Unidos na produção e implantação de mísseis nucleares, o que representava uma lacuna estratégica que deveria ser superada. Nesse contexto, Cuba oferecia uma oportunidade única para os soviéticos penetrarem nas linhas de defesa inimigas e equilibrarem a balança de poder. A ilha caribenha servia como uma ponte estratégica para os interesses soviéticos, permitindo-lhes projetar influência e aumentar sua capacidade de dissuasão contra os EUA. Assim, a decisão de elevar o apoio a Cuba para incluir armamento nuclear foi motivada por uma complexa intersecção de considerações estratégicas, políticas e militares por parte da liderança soviética.

Diante de um cenário de constantes turbulências ocultas, houve um episódio que urge especial atenção, já que pode ser entendido como um dos momentos mais marcantes do uso de Cuba como um agente de uma guerra proxy<sup>6</sup>, explicando a relação hierárquica do país com o contexto da URSS. A operação Anadyr, que ainda não encontra uma centralização das informações acerca da explicação real da sua nomeação, teve início em meados de 1962, sob responsabilidade do General Ivanov e liderada pelo líder soviético Nikita Khrushchev, consistindo em um esforço logístico e militar significativo para transportar e instalar mísseis nucleares em Cuba, sob a justificativa de ajudar o governo cubano a se proteger contra uma possível invasão dos EUA (Coutinho, 2023).

O mundo ainda sentia os reflexos da devastadora Segunda Guerra Mundial, um evento que abalou profundamente as estruturas políticas, econômicas e sociais

---

<sup>6</sup> Ainda há diversos embates sobre a conceituação completa e correta da terminologia “guerras proxy”, porém, de forma geral, o conceito guia-se pela perspectiva de Rauta (2021): “ (...) To this end, I present the following definitional structure for ‘proxy wars’: (1) a material-constitutive feature, e.g. the provision of some form of support to a proxy by an external actor, a Beneficiary or Principal; (2) a processual feature explaining the modalities through which the material-constitutive component is provided; and (3) a relational feature underlying its specific type of strategic behaviour and its character, e.g. strategic bargaining short of alliance building (...)”

dos países envolvidos, tanto direta quanto indiretamente. As consequências desse conflito global foram severas e perduraram ao longo das décadas seguintes, impactando a reconstrução das nações e a reconfiguração das relações internacionais. O trauma da guerra e a necessidade de recuperação econômica e social marcaram um período de intensa transformação, que se estendeu até as décadas futuras, influenciando decisivamente o curso da história mundial. Vizentini (2004) aponta características bélicas importantes que conduziram o ritmo da Guerra Fria:

Na passagem da década de 1960 para a de 1970, o equilíbrio nuclear estratégico era atingido, pois a URSS também passou a produzir mísseis balísticos intercontinentais (ICBM), capazes de atingir o território norte-americano a partir de bases de lançamento em solo soviético ou de submarinos. A emergência do Terceiro Mundo como força política no cenário mundial consolidava-se, expressando-se por meio do crescentemente prestigiado Movimento dos Países Não-Alinhados e da ONU, que abandonava paulatinamente o papel de suporte da política dos EUA (Vizentini, 2004, p.103-104)

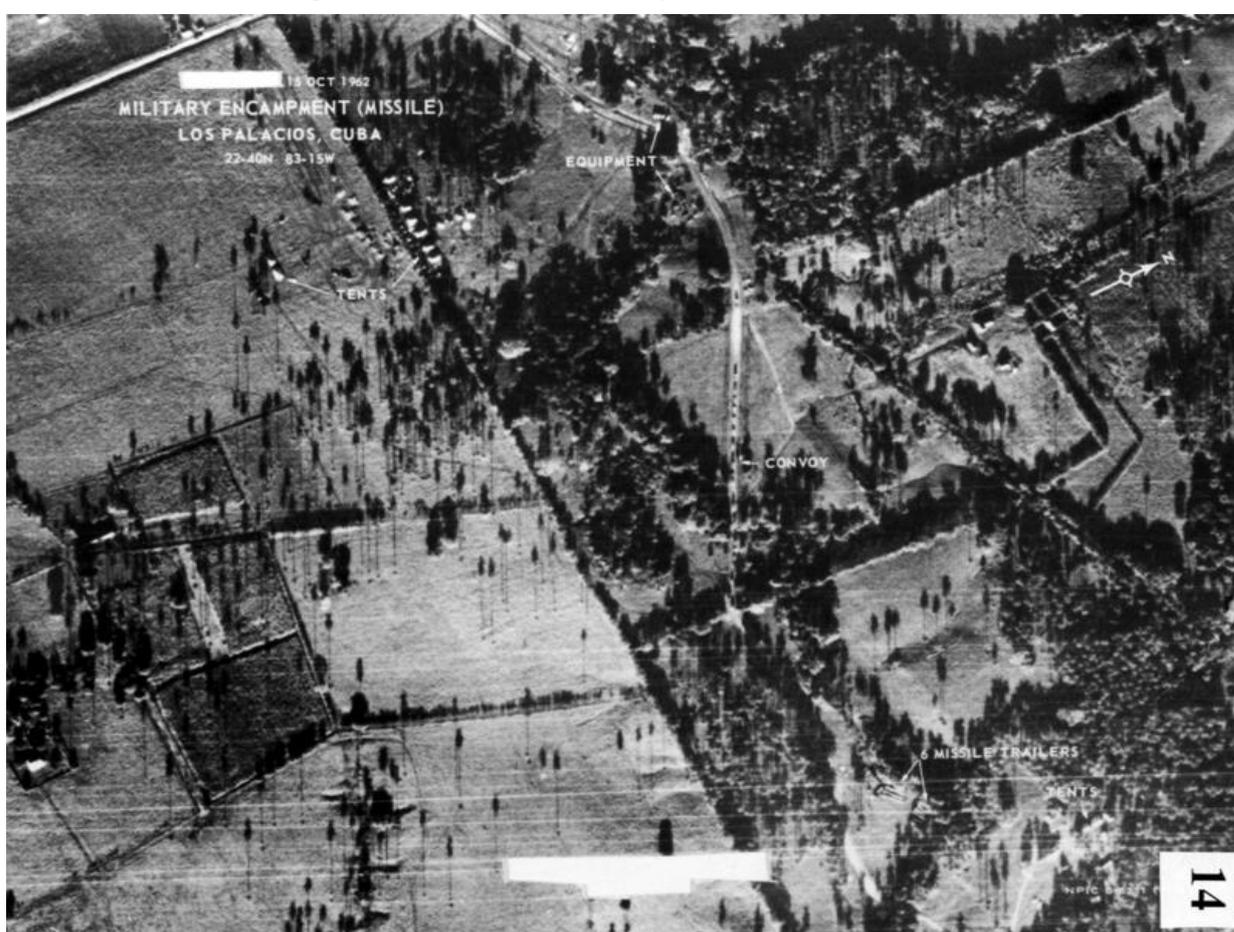
A Crise dos Mísseis de 1962, por sua vez, exacerbou o clima de medo e insegurança no sistema internacional, já tensionado pelo contexto da Guerra Fria. Esse episódio crítico destacou a possibilidade iminente de um confronto nuclear entre as superpotências da época, os Estados Unidos e a União Soviética. Durante a crise, foi estabelecida a chamada "quarentena", uma medida de bloqueio naval destinada a impedir a chegada de materiais ofensivos a Cuba. Este bloqueio restringia a entrada de navios soviéticos e de outras nações. Além disso, o governo americano adotou várias outras medidas, como a intensificação da vigilância aérea sobre Cuba, que incluiu a violação de seu espaço aéreo. Essas ações refletiram a gravidade da situação e a determinação dos Estados Unidos em conter a ameaça percebida, configurando um momento de alta tensão na política internacional. (Ávila, 2021). Brener (1994) reafirma o risco desse conflito para o mundo:

Um bom exemplo foi a Crise dos Mísseis, em 1962, que envolveu os Estados Unidos e Cuba. Alegando a presença de mísseis nucleares soviéticos, o presidente John Kennedy, dos EUA, ameaçara invadir a ilha. Por várias semanas, o mundo souou frio, à espera da guerra atômica, mas a crise terminou contornada com um acordo entre os dois gigantes militares, por meio do qual a URSS retirou os mísseis do Caribe (Brener, 1994, p.22).

A tensão era palpável em outubro de 1962, quando Cuba e a União Soviética estavam em contínuas negociações para a instalação de mísseis nucleares soviéticos na ilha cubana, gerando uma profunda desconfiança e preocupação nos Estados

Unidos. Em agosto daquele ano, uma das fotografias mais icônicas da crise foi capturada por um avião espião U-2 norte-americano (Figura 6), revelando a construção de bases de lançamento de mísseis em Cuba. Em resposta a essa descoberta, o presidente John Kennedy emitiu um severo aviso ao primeiro-ministro soviético, Nikita Khrushchev, e intensificou as missões de reconhecimento aéreo sobre a ilha, marcando uma escalada significativa nas tensões da Crise dos Mísseis de Cuba (Souza, Leandro; et al, 2012).

**Figura 5 - Comboio soviético perto de San Cristóbal**



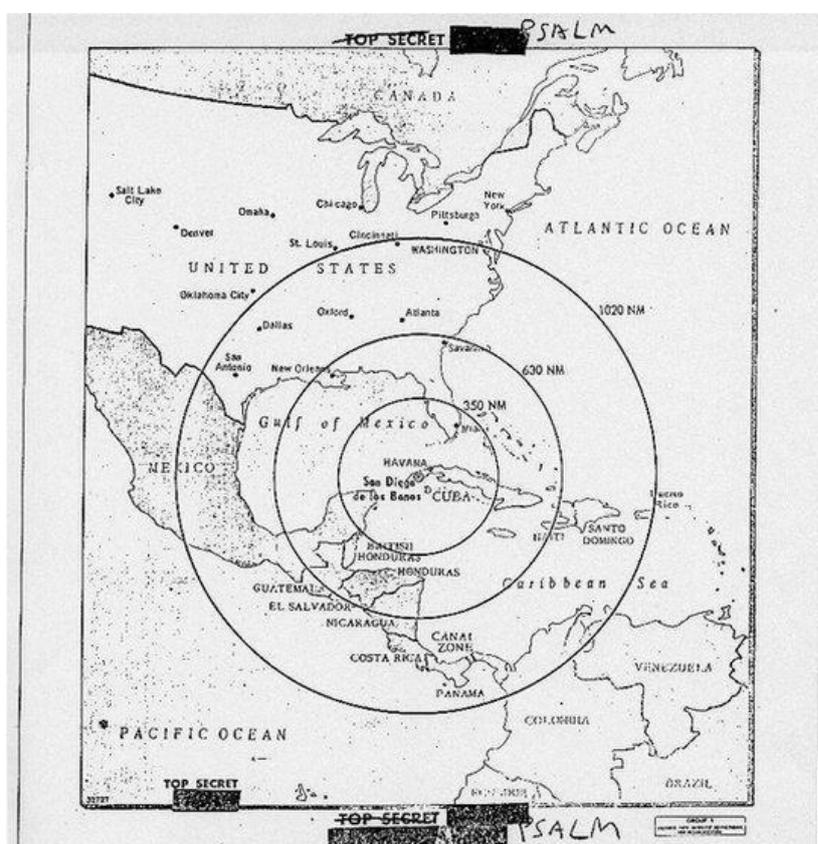
Fonte: BBC News, 2022

Cuba já adotara uma abordagem de aproximação ideológica e econômica com o regime da URSS, buscando se distanciar cada vez mais dos Estados Unidos e fortalecer as estruturas de seu próprio governo. Essa estratégia visava não apenas consolidar a estabilidade interna, mas também desafiar a influência americana na região. Já a União Soviética, ao utilizar meios bélicos, pressionou os Estados Unidos a retirarem seus arsenais nucleares estacionados na Turquia, contribuindo assim para

a manutenção do confronto ideológico no mundo. Contudo, essas tensões também aumentavam cada vez mais o risco de uma guerra nuclear, preocupando a comunidade internacional (Rosário, 2021).

A descoberta da presença dos mísseis nucleares em Cuba levou o presidente Kennedy a convocar o Comitê Executivo (EXCOM) do Conselho de Segurança Nacional para lidar com a crise já posta. Esse comitê, composto por autoridades como o Vice-presidente Lyndon Johnson, o Secretário de Estado David Dean Rusk, o Secretário de Defesa Robert Strange McNamara, o Assistente Especial para Assuntos de Segurança Nacional McGeorge Bundy, o Chefe do Estado-Maior conjunto dos EUA general Maxwell Taylor, entre outros, teve um papel fundamental na formulação das estratégias e nas decisões que eram tomadas durante esse período crítico, que foi concretizado um dos eventos mais proeminentes da Guerra Fria, haja vista o grave impacto que um confronto nuclear (Figura 7) acarretaria para a região (Rosário, 2021).

**Figura 6 - Mapa apresentado na primeira sessão do EXCOMM, mostrando o alcance dos mísseis nucleares soviéticos sendo instalados em Cuba**



Fonte: BBC News, 2022

A decisão estratégica da União Soviética de implantar mísseis em Cuba foi formulada durante um período crítico entre o final de abril e meados de junho de 1962. Esta decisão foi fundamentada a partir de alguns pontos importantes. Primeiramente, a URSS enfrentava uma grande disparidade estratégica em relação aos EUA, evidenciada pela lacuna de mísseis, que representava uma ameaça à sua segurança nacional. Sem a possibilidade imediata de equiparar-se com os sistemas de entrega intercontinentais dos EUA, a União Soviética viu na instalação de uma base de mísseis em Cuba a resposta estratégica que era necessária para equilibrar a situação da disparidade. Tanto os líderes cubanos quanto os soviéticos temiam uma potencial invasão americana em Cuba, especialmente após o fracasso da invasão na Baía dos Porcos. As ações dos Estados Unidos, incluindo embargo econômico, o isolamento político e até mesmo conspirações de assassinato contra Fidel Castro, aumentavam essas preocupações e justificariam a necessidade de uma resposta defensiva (Walter, 1992).

Os líderes soviéticos estavam conscientes da crescente presença militar dos EUA em regiões próximas à União Soviética, como a instalação de mísseis de alcance intermediário na Turquia. Esta proximidade representava uma grande ameaça para os soviéticos, intensificando as tensões geopolíticas da Guerra Fria. A presença desses mísseis na Turquia reforçava a percepção de cerco e estimulava uma resposta militar por parte dos líderes soviéticos, que enxergaram na instalação de mísseis em Cuba uma medida de barganha e um meio de reafirmar seu *status quo* no cenário internacional (Walter, 1992).

Em um cenário de confiança delicada entre Havana e Moscou, resultante da Crise dos Mísseis, Khrushchev procurou restabelecer o relacionamento com Castro. Em janeiro de 1963, Khrushchev enviou uma carta ao líder cubano, convidando-o para uma visita a Moscou em abril. Para causar uma boa impressão, os russos enviaram o novo avião Tupolev-114 a Havana para buscá-lo. Este avião turboélice, descrito como o maior e mais pesado avião de passageiros do mundo na época, podia voar de Havana a Murmansk em 12 horas. Castro aceitou o convite e levou consigo uma equipe de fidelistas de confiança, incluindo Emilio Aragonés, responsável por organizar o novo Partido Comunista revolucionário, Sergio del Valle, José Abrantes, chefe da segurança do Estado e ex-membro da Organização da Juventude Comunista e René Vallejo (Gott, 2006).

A composição da comitiva que acompanhou Castro a Moscou era diferenciada, pois com exceção de Abrantes, não havia marxistas entre eles. A presença de Emilio Aragonés, designado para organizar o novo Partido Comunista após a demissão de Aníbal Escalante, junto com outros membros, reflete a diversidade ideológica dentro do círculo próximo de Castro. Esta visita representou um esforço importante para fortalecer as relações bilaterais entre Cuba e a União Soviética, apesar das tensões anteriores. O encontro em Moscou simbolizou a tentativa dos dois líderes de superar desentendimentos passados e renovar a aliança estratégica essencial para a sobrevivência da Revolução Cubana (Gott, 2006).

Gott (2006) ainda afirma que as discussões ao longo da visita soviética exerceriam um impacto significativo nas políticas econômicas da Revolução Cubana. Com o apoio soviético, Cuba abandonaria os projetos visionários de diversificação econômica promovidos por Guevara, concentrando-se, em vez disso, na produção de açúcar. Essa mudança de direção refletia a rejeição do governo cubano ao "caminho aventureiro", uma crítica velada não apenas à China, mas também às políticas alternativas preferidas por Che Guevara. A influência soviética direcionou Cuba para uma maior dependência de sua produção açucareira, alinhando-se aos interesses econômicos e estratégicos da União Soviética.

Já no contexto da disputa sino-soviética, Fidel Castro já havia tomado sua decisão, pautada pela necessidade econômica do país. A aliança com a União Soviética se consolidava, definindo o rumo das políticas cubanas em detrimento das propostas de autossuficiência defendidas por Guevara. Esse realinhamento político e econômico foi crucial para o futuro de Cuba, tendo em vista que a assistência soviética oferecia recursos vitais para a sobrevivência da Revolução. A escolha de Castro, portanto, não apenas demarcava uma posição clara no conflito sino-soviético, mas também estabelecia os fundamentos econômicos e ideológicos que guiariam o país nas décadas seguintes (Gott, 2006).

A China enviava arroz, circos e preservativos para Cuba, enquanto os soviéticos forneciam os recursos necessários para a construção de fábricas inteiras, além de máquinas agrícolas e armas. Ademais, os russos compravam grandes quantidades de açúcar cubano, fortalecendo a economia da ilha. A prolongada visita de Fidel Castro à União Soviética marcou o fim de qualquer esperança de aproximação com os Estados Unidos. O presidente Kennedy destacou aos jornalistas

que "nenhum líder satélite jamais tinha passado quarenta dias na Rússia", recebendo tanta atenção pessoal de Krushev. Este evento afastou a possibilidade de estabelecer "canais de comunicação" com Castro, como havia sido recomendado por uma comissão do Conselho de Segurança Nacional em junho (Gott, 2006).

Em vez de buscar diálogo, o governo norte-americano voltou a focar em um programa de sabotagem dos principais segmentos da economia cubana. A retórica pública de hostilidade persistiu em ambos os lados, acompanhada por ataques à costa cubana. Entretanto, em ambientes reservados, tanto Castro quanto Kennedy demonstravam interesse em explorar alternativas diplomáticas. Em outubro e novembro de 1963, Jean Daniel, um jornalista francês do L'Express, entrevistou ambos os líderes, relatando um cenário esperançoso. Contudo, esse esforço de reconciliação foi interrompido abruptamente em 22 de novembro, quando Kennedy foi assassinado em Dallas, Texas, eliminando qualquer possibilidade de melhoria nas relações entre os dois países (Gott, 2006).

Castro fez uma segunda visita à União Soviética em janeiro de 1964, pois Krushev precisava de garantias de que os cubanos estavam comprometidos com a política soviética de coexistência pacífica e não criariam problemas com a nova administração do presidente Johnson. Em troca, Fidel Castro buscava assegurar melhores acordos comerciais para o açúcar cubano. Após dez dias de negociações, ambos os líderes chegaram a um consenso. Krushev concordou em comprar o açúcar cubano a uma taxa favorável de 13 centavos por quilo até 1970. Os russos se comprometeram a adquirir 2,1 milhões de toneladas em 1965, 3 milhões em 1966, 4 milhões em 1967 e 5 milhões em anos subsequentes. Assim, a Revolução Cubana, que outrora tentara se livrar da dependência da produção de açúcar, se viu novamente vinculada a essa indústria para o futuro previsível (Gott, 2006).

## **4.2 A Queda**

Sob o regime soviético, iniciativas de reformas profundas como a Perestroika e a Glasnost só poderiam emergir a partir das mais altas esferas de poder. Essas transformações foram impulsionadas pelo então secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Mikhail Gorbachov, perante um comitê central composto majoritariamente por membros conservadores, configurando uma verdadeira representatividade da elite burocrática privilegiada. A Perestroika, focada

na reestruturação econômica, e a Glasnost, promovendo maior transparência e liberdade de expressão, exigiam que Gorbatchov fosse muito cauteloso no início, ou até mesmo omissos em relação a questões sensíveis.

A Perestroika patinava e a economia não se reestruturava, mas a Glasnost abriu horizontes imensos para a sociedade, que começou a denunciar as mazelas do sistema, revelando gradualmente os problemas da União Soviética. Inicialmente, emergiu a questão ecológica, com denúncias sobre a depredação da natureza, incluindo o desastre no mar de Aral devido a projetos de irrigação megalomânicos, a poluição pela indústria química e a erosão decorrente da exploração mal planejada das terras virgens. A ameaça de morte iminente do Lago Ladoga, uma das maiores reservas europeias de água doce, e os perigos dos desvios dos rios Onega, Pechora, Ob e Irtych, para irrigar territórios gigantescos sem considerar o impacto ambiental, foram destacados. As grandes chaminés, antes símbolos de progresso, tornaram-se fontes de envenenamento e degradação das condições de vida. Projetos faraônicos de transformação da natureza foram criticados, revelando o trabalho humano, até então considerado criador, como uma força destrutiva, comprometendo o futuro das gerações atuais e futuras. Assim, não só a natureza, mas toda a sociedade, sofria nas mãos do socialismo realmente existente (Reis Filho, 2002). Para Abalkin (1990),

A política da perestroika abalou todo o país e pôs em movimento poderosas forças de renovação. Mudanças nas esferas sócio-política e espiritual fazem-se sentir cada vez mais, embora nem todas elas possam ser qualificadas como positivas. Agravaram-se as contradições entre algumas nações, as tendências extremistas vêm adquirindo um caráter cada vez mais perigoso, aumentou bruscamente o índice de criminalidade (Abalkin, 1990, p.67).

A natureza profundamente arraigada do sistema e a resistência intrínseca a mudanças significativas implicavam que qualquer tentativa de reforma tivesse que ser conduzida com extremo cuidado para evitar rupturas abruptas ou a alienação de aliados potenciais dentro da estrutura de poder (Gorender, 1992).

Gorender (1992) ainda discorre sobre o tema, apontando que é provável que o próprio Gorbatchov tenha passado por um processo de evolução intelectual e política desde o início de suas propostas reformistas. Em 1985, ele expressou publicamente que o conceito de stalinismo era uma invenção dos inimigos da União Soviética no Ocidente, refletindo uma postura defensiva. No entanto, à medida que sua liderança progredia e as necessidades de transparência e renovação se tornavam mais evidentes, Gorbatchov começou a utilizar o termo stalinismo abertamente em seus

discursos e relatórios oficiais. Este movimento sinalizou uma importante mudança na abordagem do governo soviético, que gradualmente reconheceu e criticou os abusos e excessos do período stalinista. A introdução da Glasnost foi crucial para este processo, pois permitiu maior liberdade de informação e debate público, essencial para o sucesso das reformas da Perestroika. Assim, Gorbachov marcou um ponto de inflexão na tentativa de reformar o sistema político e econômico da URSS, buscando um equilíbrio entre modernização e estabilidade.

Gorender (1992) prossegue sua análise enfatizando que, entre 1985 e 1987, a *Perestroika* e a *Glasnost* foram formuladas como um conjunto de propostas que subvertiam a rotina dominante há mais de meio século na URSS. Ainda foi dada prioridade máxima à produção de bens de consumo com o objetivo de abastecer a população. Dessa forma, uma parcela significativa da produção de material bélico deveria ser redirecionada para a fabricação de eletrodomésticos, como geladeiras e televisores. Além disso, foi proposto um aceleração na construção habitacional, refletindo um compromisso renovado com a satisfação das necessidades sociais, conforme é possível visualizar:

[..] por força mesmo do agravamento da situação econômica e pelo enfrentamento político mais aberto desencadeado com o processo de organização política que perpassa a sociedade soviética com o amadurecimento da glasnost e da reforma política. Essas dificuldades encontram sua expressão mais forte na recomposição e atuação das forças conservadoras (anti-reformas) que ainda detêm poder de comando no aparelho administrativo e nos movimentos nacionalistas-sepa-separatistas das repúblicas, em alguns dos quais se identifica, sem subestimar os sentimentos nacionais legítimos, a atuação das referidas forças conservadoras. Há, entretanto, dificuldades político-sociais menos conjunturais, mais vinculadas à natureza do sistema que se pretende transformar e que deixam de ser comentadas nesta introdução, por serem objeto de vários textos deste livro (Pomeranz, 1990, p.35).

Essas reformas também implicavam uma mudança no estilo de crescimento econômico. Em vez de continuar a expansão extensiva por meio da construção de novas fábricas, o foco deveria se voltar para um crescimento intensivo. Isso significava que o aumento da produção deveria resultar principalmente da introdução de tecnologias avançadas nas fábricas já existentes. Tal abordagem visava não apenas modernizar a capacidade produtiva, mas também otimizar o uso dos recursos disponíveis, promovendo maior eficiência e inovação dentro do setor industrial soviético. Com essas medidas, buscava-se criar um sistema econômico mais

dinâmico e que realmente respondesse às demandas da população, marcando uma ruptura com as práticas anteriores (Gorender, 1992).

Para Aganbeguian, (1990) pode-se constatar que a transição para as novas condições de gestão econômica foi marcada por erros graves em várias frentes, resultando na ausência do efeito econômico que era esperado. Em contrapartida, houve um crescimento consideravelmente excessivo dos salários, o que agravou a situação no mercado de consumo. Este aumento salarial desproporcional, longe de incentivar o desenvolvimento econômico, criou tensões e complicou ainda mais a estabilização do mercado. A situação demandava uma intervenção urgente para reestruturar a economia, revertendo os erros cometidos e promovendo um retorno aos princípios econômicos originalmente proclamados. Era imperativo continuar a desenvolver e aprofundar a reforma econômica, adaptando-se às novas realidades e necessidades do mercado.

No Congresso dos Deputados do Povo da URSS e na primeira sessão do Soviète Supremo da URSS, os deputados discutiram sobre as medidas necessárias para a economia nas condições atuais. O governo foi incumbido de elaborar e apresentar projetos de novas leis relativas à empresa, arrendamento e usufruto da terra, entre outros. Foram aprovadas emendas à Lei sobre a Empresa Estatal, ampliando os direitos econômicos dessas entidades. Essas deliberações refletiam a busca por soluções legislativas que pudessem facilitar a transição e estabilização econômica, promovendo um ambiente mais robusto e adaptável para o desenvolvimento contínuo da reforma econômica (Aganbeguian, 1990).

Para Gorender (1992), é relevante detalhar os acontecimentos da manhã de 19 de agosto de 1991, quando os meios de comunicação surpreenderam o mundo ao anunciar que um autodenominado Comitê Estatal de Emergência havia assumido o poder na União Soviética. A justificativa apresentada foi a suposta enfermidade do presidente Mikhail Gorbatchov, que, segundo os golpistas, o impossibilitava de exercer suas funções como chefe de Estado. Este Comitê de Emergência, liderado pelo vice-presidente Gennady Yanayev, passou a comandar o país. Além de Yanayev, outros sete membros integravam o comitê, todos pertencentes ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Este golpe de Estado marcava uma dramática virada nos eventos políticos da época, gerando incerteza e ansiedade tanto internamente quanto no cenário internacional.

Entre os membros do Comitê de Emergência destacavam-se figuras de alto escalão, como o primeiro-ministro Valentin Pavlov, o ministro da Defesa, marechal Dmitry Yazov, o ministro do Interior, Boris Pugo, e o chefe do KGB, Vladimir Kryuchkov. A tomada de poder pelos golpistas pegou a nação de surpresa, resultando na imediata imposição de censura aos meios de comunicação, que retirou de circulação a maioria dos jornais. Além disso, o Comitê de Emergência ordenou a entrada de duas divisões de tanques em Moscou, demonstrando uma clara exibição de força e controle militar. Este ambiente de tensão e incerteza foi amplificado pela presença ostensiva de forças militares nas ruas da capital, restringindo não apenas a circulação de informações, mas também a liberdade de movimento dos cidadãos (Gorender, 1992).

Em uma entrevista televisionada dirigida à imprensa nacional e internacional, o vice-presidente Yanaev, visivelmente perturbado e nervoso, afirmou que o Comitê de Emergência não tinha a intenção de anular as reformas da perestroika. No entanto, ele enfatizou a necessidade de implementar medidas enérgicas para proteger o país de uma suposta catástrofe iminente. Esta declaração buscava legitimar a tomada de poder e acalmar a população, embora as ações do comitê sugerissem uma forte ruptura com as políticas de abertura e transparência que caracterizavam o governo de Gorbachov. A tensão e a incerteza que marcaram esse período evidenciaram a fragilidade política e a volatilidade do cenário soviético na época, refletindo a complexidade das transformações que o país estava atravessando (Gorender, 1992).

Em meio ao tumulto, Gorbachev, talvez desorientado ou simplesmente um homem exausto pelas pressões do cenário posto, decidiu sair de férias. No entanto, também é plausível que tenha se afastado estrategicamente, calculando que os contendores se destruiriam entre si, o que lhe permitiria surgir como a figura capaz de restaurar a ordem. Nesse caso, o cálculo mostrou-se errado, subestimando a gravidade da situação política e a determinação dos golpistas. Como anunciado, os golpistas aproveitaram a oportunidade criada pelo seu afastamento e executaram o golpe, alterando drasticamente a dinâmica política e colocando em jogo a já frágil estabilidade da União Soviética (Reis Filho, 2002).

Ainda para Reis Filho (2002), a análise do comunicado lido à nação pelos golpistas revela nuances interessantes e estratégias cuidadosamente pensadas. Eles tentaram conferir ao ato uma aparência semilegal, afirmando que Gorbachev estava

doente e havia solicitado uma licença, evocando termos e procedimentos semelhantes aos utilizados por Khrushchev em 1964. Tal abordagem pode ser interpretada tanto como um gesto de delicadeza quanto como uma confissão de fraqueza, uma tentativa de suavizar a percepção pública do golpe. Notavelmente, os golpistas não mencionaram o partido comunista nem os ideais socialistas, mas sim a necessidade de preservar a União. Esta omissão estratégica sugere uma tentativa de legitimar o golpe sem recorrer aos tradicionais discursos ideológicos, refletindo a complexa e delicada situação política daquele momento, bem como a percepção de uma mudança nos valores e nas prioridades dentro da própria União Soviética.

É crucial examinar os eventos que culminaram na queda de Mikhail Gorbachov e no colapso da União Soviética. Em Moscou, Boris Yeltsin fixou-se na sede do parlamento da Rússia, conhecida como Casa Branca, onde reuniu centenas de partidários. A praça em frente ao edifício foi fortificada com barricadas improvisadas de concreto, aço e veículos sucateados. Através de panfletos distribuídos em locais públicos e a difusão boca a boca, Yeltsin declarou o Comitê de Emergência fora da lei e convocou a população a desobedecer a seus decretos. Moscou tornou-se, então, o principal foco de resistência ao golpe, com apenas o presidente do Azerbaijão apoiando o Comitê de Emergência, enquanto outros líderes das repúblicas soviéticas se abstiveram de apoiar ou de se opor abertamente ao golpe (Gorender, 1992).

A resposta internacional também foi decisiva. No dia 20 de agosto, o presidente dos Estados Unidos, George H.W. Bush, declarou que não reconheceria atos inconstitucionais e encorajou as repúblicas soviéticas a apoiarem o governo legítimo. Esta posição foi rapidamente seguida pelos países da Comunidade Europeia, fortalecendo a posição dos opositores ao golpe. A derrota do golpe resultou em um enfraquecimento crítico do poder central soviético, personificado por Gorbachov, enquanto o poder da República da Rússia, liderado por Yeltsin, se consolidava. Paralelamente, movimentos nacionalistas e separatistas ganharam força nas repúblicas federadas, tornando o Tratado da União obsoleto e necessitando de arranjos improvisados para evitar a desintegração total das repúblicas (Gorender, 1992). Reis Filho (2002) enfatiza que:

[...] Yeltsin assumiu a defesa da legalidade. Correu para o Parlamento russo e de lá organizou a resistência. Na prática, empolgou pouca gente, a maioria da população olhou de longe aquele tumulto. Houvera uma fase de grande participação e interesse, visível até meados de 1989. Depois, os sinais de

apatia foram ganhando terreno, as pessoas oprimidas pelo peso das carências, das filas e da escassez (Reis Filho, 2002, p.244).

A vitória de Yeltsin teve profundos impactos político-sociais, sinalizando uma abertura para a nova burguesia e os defensores de uma economia de mercado livre. Uma missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) foi instalada em Moscou para auxiliar na transição para uma economia capitalista. Logo após a derrota do golpe, as repúblicas bálticas - Lituânia, Letônia e Estônia - declararam independência da União Soviética, recebendo reconhecimento internacional e representação na Assembleia Geral da ONU em setembro de 1991. Yeltsin, exercendo um controle autoritário, transferiu órgãos da União para a jurisdição da Rússia, minando ainda mais o poder de Gorbachov como presidente da União Soviética e exacerbando a tensão entre as repúblicas, especialmente no comando das Forças Armadas (Gorender, 1992).

Vizentini (2000) corrobora afirmando que o desmembramento da URSS teve repercussões imediatas no sistema de relações internacionais, marcando o fim da Guerra Fria. Com a queda dos regimes socialistas do Leste Europeu, intensificou-se a atuação das forças internas e externas responsáveis por tais transformações. Nos países com uma forte classe média, como a República Democrática Alemã (RDA), Polônia, Tchecoslováquia e Hungria, partidos anticomunistas de centro-direita venceram as eleições, enquanto na Albânia, Bulgária e Romênia, onde a classe média era menos expressiva, os comunistas reformados foram reconduzidos ao poder. Em todas essas nações, iniciou-se a transição para a economia de mercado, gerando sérios impactos sociais. Nos três últimos países mencionados, os comunistas no poder adotaram uma plataforma liberal-reformista, resultando em isolamento da população na Romênia e em um compartilhamento de poder com a oposição na Bulgária e Albânia.

A dissolução formal da União Soviética começou com a Ucrânia. Em 1º de dezembro, os eleitores ucranianos votaram esmagadoramente pela separação, com 90% de apoio. Leonid Kravtchuk, um ex-ideólogo do Partido Comunista convertido ao nacionalismo, venceu a presidência com 60% dos votos. Aproveitando o momento, Yeltsin articulou a criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI) em uma reunião em Minsk no dia 9 de dezembro, junto com Kravtchuk e Stanislav Shushkevitch da Bielorrússia, declarando que a URSS deixaria de existir. A CEI, concebida como uma entidade não estatal e sem poder supranacional, incluía as

demais repúblicas, exceto a Geórgia. Na noite de 25 de dezembro de 1991, Gorbatchov anunciou sua renúncia à presidência da União Soviética, e a bandeira tricolor russa substituiu a bandeira soviética no Kremlin (Gorender, 1992). Vizentini (2004) reafirma que:

A desintegração da União Soviética e a derrocada do regime socialista em seu território ocorreram de forma desconcertante, tomando de surpresa inclusive os serviços de inteligência ocidentais e muitos analistas renomados. A segunda superpotência, detentora de imensos recursos econômico-sociais e político-militares, desapareceu de forma insólita, deixando um vazio de poder, de forma relativamente pacífica. Foi um caso inédito de "renúncia de poder" e desorganização por parte da envelhecida elite soviética, que se tornou uma espécie de "gerontocracia" [governo de velhos] (Vizentini, 2004, p.154).

O desaparecimento da URSS também marcou o fim da perestroika, evidenciando seu fracasso como projeto de reconstrução socialista. A Rússia e as repúblicas da CEI, ainda interligadas por laços econômicos, começaram um inédito e incerto processo de reestruturação capitalista. Nos primeiros meses de 1992, as repúblicas da CEI conquistaram o direito de representação em organismos internacionais como a ONU e o FMI. A Rússia assumiu o lugar da União Soviética como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. Com o novo cenário geopolítico, decisões sobre a divisão das Forças Armadas e o comando das forças nucleares foram acordadas, mantendo a Rússia como a única potência nuclear após compromissos de desnuclearização por parte da Ucrânia, Belarus e Cazaquistão (Gorender, 1992). Brener (1994) corrobora com Gorender (1992), apontando que:

A crise político-econômica que levou os soviéticos a abandonar o socialismo (Ronald Reagan foi obrigado a fazer uma autocrítica) e que depois destruiu a própria URSS fez desabar em questão de meses os governos socialistas do leste europeu — Alemanha Oriental, Tcheco-Eslováquia, Bulgária, Polônia, Hungria, Romênia e Albânia. Todos eles ditaduras de partido único, que por quatro décadas pareceram muito sólidas, a ponto de massacrar sem grandes problemas várias rebeliões populares em busca da democracia e reprimir qualquer grupo oposicionista que buscasse sair dos porões da clandestinidade (Brener, 1994, p.9).

O colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria marcaram o encerramento de um capítulo muito importante na história mundial, redesenhando o mapa geopolítico e dando início a uma nova era nas relações internacionais. Este momento histórico não apenas pôs fim a décadas de rivalidade bipolar entre as superpotências, mas também desencadeou uma série de mudanças e desafios que continuam moldando o cenário global contemporâneo. O impacto do colapso soviético foi

profundo e multifacetado. No curto prazo, a desintegração da União Soviética resultou em turbulências econômicas, políticas e sociais significativas, tanto nas antigas repúblicas soviéticas quanto no resto do mundo. Países que emergiram das ruínas da URSS enfrentaram grandes desafios na construção de novas identidades nacionais, instituições políticas e economias de mercado. Enquanto alguns conseguiram transacionar para democracias relativamente estáveis e economias de mercado dinâmicas, outros enfrentaram conflitos internos, autoritarismo ressurgente e crises econômicas. Essas dinâmicas internas das novas nações e suas relações com o resto do mundo contribuíram para uma estrutura de sistema internacional global em constante transformação. Vizentini (2000) aborda o paralelo entre a dissolução da URSS e sua repercussão, refletindo em um importante momento de transição no sistema internacional:

O desmembramento da URSS teve repercussões imediatas no sistema de relações internacionais ao encerrar-se a Guerra Fria. Após a derrubada dos regimes socialistas do Leste europeu, aprofundou-se a ação das forças internas e externas responsáveis por tal mudança. Nos países dotados de forte classe média, como a República Democrática Alemã (RDA), Polônia, checoslováquia e Hungria, partidos anticomunistas de centro-direita venceram as eleições, enquanto na Albânia, Bulgária e Romênia, onde este grupo era pouco expressivo, os comunistas reformados foram reconduzidos ao poder. Em todas estas nações, iniciou-se a transição para a economia de mercado, com sérios impactos sociais. Nos últimos três países, os comunistas no poder adotaram uma plataforma liberal-reformista que os isolou da população (Romênia) ou os obrigou a partilhar o poder com a oposição (Bulgária e Albânia). A euforia da população, que idealizava o capitalismo como uma espécie de paraíso, num surpreendentemente curto lapso de tempo transformou-se em frustração, a qual tomou o rumo da defesa das conquistas sociais anteriores ou desviou-se para o nacionalismo xenófobo, separatismo étnico-regional e movimentos de extrema-direita (Vizentini, 2000, p. 202).

Ademais, o período pós-Guerra Fria testemunhou a ascensão de novas potências econômicas e políticas, como a China e a Índia, que começaram a exercer uma influência crescente nos assuntos globais. A globalização econômica, impulsionada pelas inovações tecnológicas e pela liberalização do comércio, trouxe benefícios significativos, mas também intensificou as desigualdades e criou vulnerabilidades. As instituições internacionais, projetadas para manter a estabilidade global, muitas vezes lutaram para se adaptar a essas mudanças rápidas e complexas. O aumento do terrorismo transnacional, a proliferação de armas de destruição em

massa e as mudanças climáticas emergiram como desafios centrais, exigindo uma cooperação internacional robusta e eficaz.

### **4.3 Novas perspectivas**

Além das dificuldades econômicas, os dissidentes se sentiam reprimidos pela falta de liberdade intelectual e pela resistência do governo em aceitar qualquer debate interno significativo sobre o futuro do país. Trinta anos de socialismo revolucionário denotam como Cuba se manteve e ainda se mantém, apontando que a URSS era muito importante, mas não era vital para a ilha Cubana. Mesmo que economicamente desfavorecidos, muitos dos dissidentes eram altamente educados pelo Estado Cubano e acreditavam que suas habilidades estavam sendo mal utilizadas no sistema vigente. Conscientes da chegada de uma mudança neoliberal, estavam interessados nos possíveis impactos dessas transformações sobre Cuba e buscavam um espaço para contribuir com ideias e propostas (Gott, 2006).

No início do século XXI, Cuba enfrentou uma mudança significativa em suas principais atividades econômicas, com o governo anunciando em 2002 a decisão de abandonar a colheita e produção de açúcar como pilares de sua economia. Esta decisão acabou fechando quase metade dos engenhos de açúcar do país - 71 dos 156 existentes – e na mudança de metade das áreas cultivadas de cana-de-açúcar para outras atividades. Além disso, cerca de um quarto dos 400 mil trabalhadores da indústria açucareira foram direcionados para novas ocupações. A medida refletiu a necessidade de adaptar-se às novas realidades econômicas e sociais, marcando um ponto de inflexão importante para a economia cubana (Gott, 2006).

A decisão de abandonar o açúcar como principal atividade econômica foi influenciada por eventos que ocorreram nos anos anteriores. A dissolução do mercado soviético resultou em uma queda abrupta na receita derivada do açúcar. Em 1990, Cuba ainda recebia cerca US\$ 4,8 bilhões pela venda de açúcar à União Soviética. Já em 2002, com a venda do produto no mercado mundial, a receita caiu para menos de US\$ 500 milhões. Essa diminuição foi acompanhada por uma redução na produção, de 8 milhões de toneladas em 1989 para 3,6 milhões em 2001, refletindo a profunda transformação que o setor açucareiro cubano sofreu durante esse período (Gott, 2006).

Com o declínio da indústria açucareira, o turismo surge como a principal fonte de divisas de Cuba, superando o açúcar já em 1995. O governo reconheceu que o país nunca mais teria as vantagens econômicas que possuía anteriormente no mercado açucareiro mundial, que havia mudado absolutamente. O surgimento de novas fontes de açúcar e alternativas na indústria alimentar ocidental, junto à expansão da produção brasileira de açúcar, contribuíram para a queda dos preços no mercado global. O Brasil, que ampliou sua produção nos anos 1970 para produzir álcool a partir do açúcar, redirecionou o excesso para o mercado mundial, pressionando os preços para baixo. Esses fatores levaram o governo cubano a buscar novas estratégias de desenvolvimento econômico, abandonando os dias em que a escassez de açúcar beneficiava a economia cubana (Gott, 2006).

Portanto, no século XXI, Cuba se depara com novas perspectivas e desafios, onde a interação entre dissidentes internos e as pressões externas moldará os caminhos possíveis para a nação. A atualização do modelo revolucionário iniciada nos últimos anos propõe transformar o cenário socioeconômico do país, mas enfrenta resistências importantes dentro do próprio governo e entre setores mais conservadores da sociedade. Ao mesmo tempo, a relação com os EUA e outros países influentes continuará desempenhando um papel crucial, com mudanças nas políticas de bloqueio e cooperação internacional. Tecnologias de informação e comunicação, cada vez mais acessíveis, serão ferramentas importantes tanto para o governo quanto para os movimentos oposicionistas.

De acordo com Balardim (2016), a dificuldade da ilha cubana em se reinserir no âmbito internacional foi ampliada em virtude do afastamento do país, que, inclusive buscou retomar relações bilaterais com países próximos para superar as consequências da dissolução do seu maior parceiro econômico. Enquanto vivenciava tal cenário de conturbação, Cuba ainda era obrigada a lidar com as consequências do bloqueio norte-americano. Para Balardim (2016):

Além da perda de seu principal parceiro – político, econômico e militar – Cuba ainda enfrentava as dificuldades impostas pelo bloqueio norte-americano, que criava obstáculos às relações internacionais cubanas. Nesse contexto, é que a política externa cubana buscou formas de ação e captação de parcerias estratégicas, que pudessem gerar possibilidades e oportunidades de crescimento econômico e manutenção dos benefícios sociais trazidos pela revolução. (Balardim, 2016, p. 132)

Nesse contexto, as perspectivas para Cuba podem ficar pendente de um delicado equilíbrio entre reformas internas e a gestão das relações externas, a fim de encontrar um caminho que combine progresso econômico, justiça social e liberdade política.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o cenário em que foi estruturada a história de Cuba requer uma análise complexa e aprofundada de diversos momentos da história, visto que se fala de um Estado que teve uma construção gradativa até alcançar sua autonomia, lutando contra percalços e bloqueios internacionais. Além do próprio percurso rico em ideais teóricos, o país conta com figuras marcantes que são imprescindíveis para consolidar o arcabouço de como se compôs o Estado que é concebido na atualidade. Dessa forma, analisar o contexto que construiu a independência da ilha diante de um legado de coragem e idealismo criou uma interligação com o ponto-chave da pesquisa: revisitar e compreender a trajetória revolucionária por uma autonomia, em um complexo cenário das relações internacionais. Partindo do pressuposto de que o fomento que o país recebeu do bloco socialista contribuiu e mobilizou seu desenvolvimento perante a comunidade internacional, compreender esses processos foi desafiador por si só, em se tratando de um cenário que não conta com fatos isolados, mas age em uma complexidade genuína de eventos, acontecimentos e trajetórias.

Nesse âmbito, a pesquisa revisitou, no seu primeiro capítulo, os principais conceitos teóricos que influenciaram a consolidação da história da ilha cubana. Resta visível o cenário de luta que o país vivenciou até se libertar do domínio espanhol e, posteriormente, como a ilha manteve a pujança ao estabelecer firmeza em relação ao cenário de intervenção que lhe foi imposto na seara da economia internacional, com especial atenção às ações manipuladas pelos EUA. Assim, revisando os conceitos de Revolução, Socialismo e Marxismo, com especial atenção à uma breve menção à interligação com a Teoria Sistêmica durante o período da Guerra Fria, foi essencial explorar a estrutura política do país, ou seja, mapear como foram construídos os ideais sociais e econômicos e a forma com a qual o Estado se firmou como aderente ao caráter revolucionário.

Logo, foi mencionado com detalhada atenção o regime de Fulgêncio Batista, precedente do início dos planejamentos revolucionários que visavam a reformulação do sistema. Tal reformulação, de cunho socialista, que começou com um caráter nacionalista e anti-imperialista, trabalhou sob a fusão de ideais que argumentavam a

defesa de mudanças que seriam o ponto de partida para o desenvolvimento do país de forma efetiva, construindo um caminho de maior igualdade social e econômica. Nesse contexto, a Revolução foi revisitada a partir dos seus detalhes, essenciais para que pudesse ser construída uma perspectiva do entendimento da forma como o discurso dos guerrilheiros atuou como um convite à mudança real e prática para o país, consolidando o senso de coletividade que ajudaria a iniciar o movimento de verdadeira mudança, convidando a população a apoiar a nova perspectiva sob a ótica do pertencimento.

Por conseguinte, o novo sistema de governo implementado após um longo processo de lutas trouxe um novo fôlego para a ilha cubana. Esse novo sistema não apenas fomentou uma nova dinâmica na economia do país, mas também abriu caminho para uma série de mudanças visíveis e profundas. O contexto internacional da época, marcado pela Guerra Fria e pelo sistema bipolar, oferecia um cenário propício para que Cuba se reestruturasse e se aproximasse do Bloco Soviético. Essa aproximação não era apenas estratégica, mas também ideológica, refletindo os interesses antagônicos entre as grandes potências do cenário da Guerra Fria. Dessa forma, Cuba encontrou na aliança com a URSS uma forma de consolidar seu novo sistema político e econômico, buscando apoio e recursos que lhe permitissem resistir às pressões externas e fortalecer sua posição no cenário internacional.

No segundo capítulo, é tratado o processo de conquista da liberdade cubana, buscando-se evidenciar como os EUA sempre tentou manter a latência da sua influência perante o território cubano com interesse em consolidar seu processo de domínio, já que tinha evidentes motivações geográficas, políticas e econômicas para atuar de tal maneira. Ademais, o capítulo evidencia o cenário histórico da ilha com atenção ao processo de estruturação e execução da revolução, mantendo foco em demonstrar como o país já havia vivido longos períodos de luta em prol de uma libertação que levantava suas bandeiras em resistência às dominações de potências globais. Tal libertação demorou a ser conquistada de forma efetiva, resumindo essa ideia pelo fato de que o país foi um dos últimos da América Latina a efetivar sua liberdade.

Nesse sentido, o foco do estudo no ponto anterior foi reconstruir a perspectiva histórico-cultural do país. Essa reconstrução revelou a complexidade e a turbulência do processo histórico, marcado por uma série de eventos significativos. O país passou

por diversas guerrilhas e disputas internas que moldaram sua trajetória. Conflitos de grande escala, como a crise dos mísseis, foram momentos críticos que definiram o curso da história nacional. Além disso, o bloqueio econômico imposto teve profundas repercussões na sociedade e na economia, exacerbando tensões e desafios. A aproximação com a União Soviética também desempenhou um papel crucial, influenciando as dinâmicas políticas e estratégicas do país. Esses elementos, juntos, evidenciam como a construção histórica foi permeada por lutas e negociações complexas. Cada um desses fatores contribuiu para formar a identidade e a trajetória do país no cenário global.

Por fim, conduzindo para uma análise final, o terceiro capítulo trata das perspectivas de Cuba no final do século XX e início do século XXI. Pode-se dizer que além dos desafios enfrentados, o desenvolvimento continuado do turismo proporcionou novas perspectivas para a ilha cubana. A diversificação da economia por meio do turismo não apenas contribuiu para a geração de empregos e o crescimento econômico, mas também promoveu intercâmbios culturais e sociais, fortalecendo os laços de Cuba com o mundo exterior. O turismo oferece oportunidades para a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural cubano, incentivando investimentos em infraestrutura e capacitação profissional. Além disso, o fomento ao turismo pode servir como um catalisador para o desenvolvimento contínuo da ilha, ao equilibrar os benefícios econômicos com a proteção do meio ambiente e a continuidade da promoção da justiça social, Cuba pode explorar plenamente o potencial do turismo como um motor de desenvolvimento sustentável e inclusivo, capacitando sua população e fortalecendo sua posição no cenário global.

A pesquisa não visa esgotar as temáticas sobre o tema, mas contribuir para a consolidação de uma análise histórico-cultural sob um recorte específico das perspectivas da ilha cubana quanto ao cenário pós-dissolução do bloco socialista, grande fonte de fomento ao país. Assim, tendo caráter exploratório, o estudo conduz um arcabouço teórico que pode servir de base para novas pesquisas, causando enfoque especial ao processo pelo qual a ilha passou ao decorrer dos anos até conquistar a independência dos regimes autoritários que permearam sua história e, por fim, como estruturou a forma como se vê diante do contexto internacional atualmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABALKIN, Leonid I.. **Problemas e Contradições da economia soviética no período de transição**. In: POMERANZ, Lenina (org.). Perestroika: desafios da transformação social na URSS. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p. 1-242.

AGANBEGUIAN, Abel. **Uma das Lições Econômicas da Perestroika**. In: POMERANZ, Lenina (org.). Perestroika: desafios da transformação social na URSS. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p. 1-242.

ALZUGARAY TRETO, Carlos. **Cuba cincuenta años después: continuidad y cambio político**. La Habana: Temas. N. 60: 37-47, octubre - diciembre de 2009.

ALZUGARAY, Carlos. **La política exterior de Cuba em la década de 90: intereses, objetivos y resultados**. Política Internacional, La Habana, vol. I, n. 1, p. 14-32, 2003.

ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARON, R. **Paz e Guerra entre as Nações**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2002. ISBN 852300095X. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/43-Paz\\_e\\_Guerra\\_entre\\_as\\_Nacoes.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/43-Paz_e_Guerra_entre_as_Nacoes.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.

AVILA, C. F. D.. A crise dos mísseis soviéticos em Cuba (1962): um estudo das iniciativas brasileiras. **Varia Historia**, v. 28, n. 47, p. 361–389, jan. 2012.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BEAUFRE, Andre. **Disuasion y Estrategia**. Editorial Pleamar, 1980. Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.361-389, jan/jun 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-87752012000100017>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BERMÚDEZ, Ángel. **60 anos da crise dos mísseis de Cuba:** as fotos de aviões espões que ajudaram a revelar armamento. as fotos de aviões espões que ajudaram a revelar armamento. 2022. Elaborada por BBC News Mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63317987>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BEZERRA, G. H. M. **Brasil-Cuba:** Relações Diplomáticas no Contexto da Guerra Fria (1959-1986). Brasília: FUNAG, 2010. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/638-Brasil\\_-\\_Cuba\\_Relacoes\\_Politico\\_Diplomaticas\\_no\\_Contexto\\_da\\_Guerra\\_Fria.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/638-Brasil_-_Cuba_Relacoes_Politico_Diplomaticas_no_Contexto_da_Guerra_Fria.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política:** a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Cuba de Fidel:** viagem à ilha proibida. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978.

BRENER, Jayme. O mundo pós Guerra Fria. São Paulo: Scipione LTDA, 1994.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Cuba e o Socialismo Possível.** Estudos avançados, 25(72), 227-232. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10583/12325>. Acesso em: 25 jun. 2020.

CERVO, Amado Luiz. **Inserção internacional:** formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2008.

CIRULES, Enrique. **O Império de Havana.** São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995.

CONCEIÇÃO, Rodrigo Pereira. **A influência do imperialismo estadunidense sobre a crise econômica de Cuba pós queda da União Soviética** / Rodrigo Pereira Conceição – Guarulhos, 2023 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Guarulhos.

DA CRUZ BUSATTO, Alice; DE LIMA RECOBA, Karolayne; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. Ecos da Revolução: a invasão da Baía dos Porcos na grande imprensa brasileira (janeiro a abril de 1961). **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 574-602, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0034-73292008000100006>. Acesso em: 25 jun. 2020.

DESSOTI, Fabiana Rita; SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos; VASCONCELOS, Joana Salem. **Cuba**: dilemas da revolução no século XXI. São Paulo: Elefante: 2017.

DEVÉS VALDÉS, E. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX**: entre la modernización y la identidad. Buenos Aires: Biblos, 2004.

DIAS, Reinaldo. **Relações Internacionais**: Introdução ao estudo da Sociedade Internacional Global. São Paulo: Atlas, 2010.

FARIAS, Déborah Barros Leal. Contextualizando a invasão à Baía dos Porcos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 51, p. 105-122, 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0034-73292008000100006>. Acesso em: 25 jun. 2020.

FERNANDES, F. **Da Guerrilha ao Socialismo**: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão popular, 2007. ISBN 9788587394958.

FERNANDES, Florestan. O que é Revolução? in **Clássicos sobre a Revolução Brasileira**. São Paulo: Expressão Popular, 2000. Disponível em [http://www.consultapopular.org.br/sites/default/files/oqueerevolucao\\_0\\_0.pdf](http://www.consultapopular.org.br/sites/default/files/oqueerevolucao_0_0.pdf). Acesso em: 25 jun. 2020.

FILHO, Daniel A. Reis. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FINAMOUR, Jurema. **Contra toda expectativa**: Cuba chega lá! São Paulo: Editora Cucalambe, 1994.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora nacional, 1991.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GARCÍA, Tania et al. Debate: “**Actualizando el modelo**: economía política y cultura”. **La Habana**: Temas. N. 73: 70-80, enero - marzo de 2013.

GARFIELD, Richard; SANTANA, Sarah. The impact of the economic crisis and the US embargo on health in Cuba. **American Journal of Public Health**, v. 87, n. 1, p. 15-20, 1997. Disponível em <https://doi.org/10.2105/AJPH.87.1.15>. Acesso em: 25 jun. 2020.

GORBACHEV, Mikhail. **Perestroika: novas idéias para o meu país e o mundo**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1987.

GORENDER, Jacob. **O fim da URSS: origens e fracasso da perestroika**. 2ª.ed. São Paulo: Atual, 1992.

GOTT, Richard. **Cuba: Uma Nova História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOBSBAWM, Eric. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. <<https://www.fflch.usp.br/132362>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

HUBERMAN, Leo; SWEEZY, Paul M. **Cuba: anatomia de uma Revolução**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1960.

KATZ, Claudio. **La epopeya cubana**. Disponível em: <<http://katz.lahaine.org/?p=243>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

LAGONOTTE, Claire. L'URSS et Cuba, 1959-1972. Des relations opportunistes et conflictuelles. Outre-Mers. **Revue d'histoire**, v. 94, n. 354, p. 23-36, 2007.

LATINA, Prensa. **Che, presente 56 anos após seu assassinato**. 2023. Disponível em: <https://www.prenalatina.com.br/2023/10/08/che-presente-56-anos-apos-seu-assassinato/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O Estado e a Revolução**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

LIBRARY OF CONGRESS – Federal Research Division. Country Profile: Cuba, September 2006. Washington, D.C.: Library of Congress, 2006. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/16Rlld3E-cajogLlabNQ7Z65rrHhZkMiM>. Acesso em: 25 jun. 2020.

LIMA, Mateus da Fonseca Capssa. **Os universitários e a política externa independente**: as reações à invasão da baía dos porcos no rio grande do sul, 2016. Disponível em [https://www.eeh2016.anpuhrs.org.br/resources/anais/46/1469104275\\_ARQUIVO\\_2016-EEH-ANPUHRS-MateusdaFonsecaCapssaLima.pdf](https://www.eeh2016.anpuhrs.org.br/resources/anais/46/1469104275_ARQUIVO_2016-EEH-ANPUHRS-MateusdaFonsecaCapssaLima.pdf). Acesso em: 25 jun. 2020.

LÓPEZ LEVY, Arturo et al. **Cuba y la OEA**: cambio y continuidad. © Ediciones Universidad de Salamanca América Latina Hoy, 52, 2009, pp. 107-130. Disponível em [https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/72564/Cuba\\_y\\_la\\_OEA\\_cambio\\_y\\_continuidad.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/72564/Cuba_y_la_OEA_cambio_y_continuidad.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 25 jun. 2020.

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. **La revolución cubana**. Propuestas, escenarios y alternativas. España: El viejo topo, 2010.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma o Revolución**. Madrid-España: Akal, S.A., 2007. Disponível em: <https://www.overdrive.com/media/3303774/reforma-o-revolucion>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei. **O Príncipe**. Porto Alegre: L&MP, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed.7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MCGILLIVRAY, Gillian . **Ascensão e queda do pacto populista em Cuba, 1934-1959**. Glendon College, Departamento de História, Universidade de York. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-77042012000200005>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MOLA, V. A. Martha; LÓPEZ, Sérgio Ravelo. **En combate por la esperanza**. Ciudad de La Habana: Editora Política, 2006.

MOLINA, J. M. G. **La economía cubana desde el siglo XVI al XX: del colonialismo al socialismo con mercado**. México: CEPAL, 2005. Disponível em: <[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/4947/1/S050273\\_es.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/4947/1/S050273_es.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MORGENTHAU, H. J. **A Política Entre as Nações**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2003.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NYE, J. S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova York: Public Affairs, 2004.

OPERÁRIA, Causa. **20/04/1961: imperialismo é expulso de cuba. imperialismo é expulso de Cuba**. 2023. Disponível em: <https://causaoperaria.org.br/2023/20-04-1961-imperialismo-e-expulso-de-cuba/>. Acesso em: 27 maio 2024.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. **Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución (Resolución del IV Congreso del PCC)**, junio de 2011. Disponível em: <[www.congresopcc.cip.cu](http://www.congresopcc.cip.cu)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PETRAKOV, Nicolai I.. **Problemas atuais da formação do mercado na URSS**. In: POMERANZ, Lenina (org.). **Perestroika: desafios da transformação social na URSS**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p. 1-242.

POMAR, W. **Cuba: revolução e reforma**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

REIS FILHO, D. A. **Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

REIS, D. A. **A Revolução e o Socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso**. In: QUADRAT, S; ROLLEMBERG, D. (Org.). **A Construção Social dos Regimes Autoritários: Brasil e América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

REZENDE, B. P. **As relações Brasil-Cuba: liberalização, integração e desenvolvimento**. Mundorama, 2010. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2010/09/19/as-relacoesbrasilcuba-liberalizacao-integracao-e-desenvolvimento-por-bruno-pereira-rezende/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

RODRÍGUEZ, José Luis. '**Cuba, su economía y la Unión Soviética**'. Havana: Revista Temas. N. 68> 114-121, outubro-dezembro de 2011.

ROSÁRIO, Celso José Machado do. **A crise dos mísseis de Cuba de 1962: as estratégias do conflito de Thomas Schelling e a do domínio do mar proporcionam uma vantagem no emprego da Força Naval?** Disponível em <https://www.repositorio.mar.mil.br/handle/ripcmb/845760>, acessado em 20 de maio de 2024.

SADER, Emir (org.). **Che Guevara: política**. São Paulo: Ática, 1981.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

SALAZAR, Luiz Soares. **El siglo XXI: posibilidades y desafíos para la revolución cubana**. La Habana: Ciências Sociales, 2000.

SÁNCHEZ, Y. Mejias; MACHADO, Orgel J. D.; FERNÁNDEZ, Ana M. T. Cuba y la cooperación solidaria en la formación de médicos del mundo. In: **Educación Médica Superior, Havana**, 2010; 24(1), pg.76-84. Acesso em: 25 jun. 2020.

SANTORO, Maurício. Cuba após Guerra Fria: mudanças econômicas, nova agenda diplomática e o limitado diálogo com os EUA. **Rev. Bras. Pol. Int.** 53(1): 130-140 [2010]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292010000100007&script=sci\\_abstract&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292010000100007&script=sci_abstract&tIng=pt). Acesso em: 25 jun. 2020.  
Santos, F. (2017). Debates e dilemas em Cuba hoje. **Conjuntura Austral**, 8(43), 12–23. <https://doi.org/10.22456/2178-8839.70808>.

SCHLESINGER JR., Arthur. M. **Mil Dias: John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca**. Civilização Brasileira S.A, 1966.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

SENO, Pedro. **Crise dos Mísseis de Cuba**: Presença de mísseis nucleares em Cuba gerou tensão entre Estados Unidos e União Soviética. Website, 2023.

SIDARTA, Charles. Os ventos da Guerra Fria sopram sobre as Américas: As relações Cuba-URSS vistas pela diplomacia brasileira (1959-1962). **Revista de la Red de Intercátedras de Historia de América Latina Contemporánea** Año 4, N° 7. Córdoba, Diciembre 2017-Mayo 2018. ISSN 2250-7264.

SILVA, M. A. et al. Política Externa, Revolução e Desenvolvimento: um balanço das relações Brasil-Cuba. **Monções**, v.4, n. 7, jan./jun., 2015. ISSN 2316-8323. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/moncoes>>. Acesso em: 06 abri. 2018.

SOUZA, Leandro; DE CAMPOS, Orientadora-Profª Dra Flávia; MIYAMOTO, Orientador-Profº Dr Shiguenoli. Brasil e a Crise dos mísseis de Cuba: Reflexões e desdobramentos—Leandro Souza (PPGRI STD). **ANAIS II SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**, p. 112, 2021. Disponível em [https://www.academia.edu/download/61251733/Anais\\_II\\_Simporsi\\_ISBN-\\_978-85-66852-00-420191118-15199-bn1egm.pdf#page=118](https://www.academia.edu/download/61251733/Anais_II_Simporsi_ISBN-_978-85-66852-00-420191118-15199-bn1egm.pdf#page=118). Acesso em: 25 jun. 2020.

SPINDEL, Arnaldo. **O que é Socialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SUNKEL, Osvaldo. **A Crise da América Latina: Dívida Externa e Empobrecimento**. São Paulo: L&PM Editores, 1986. Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Humanas.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Cuba e a dependência externa: passado e presente**. REBELA, v.6, n.1. jan./abr. 2016.

VIAMONTE, Carlos Sánchez. **Democracia y Socialismo**. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1947.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Os paradoxos da revolução russa: ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991)**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A Guerra Fria: o desafio socialista à ordem americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **História do século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **O descompasso entre as nações**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WALTER, S. poole. How Well Did the Joint Chiefs of Staff Work?. In: **Colloquium on Contemporary History, A New Look at the Cuban Missile Crisis**, 18 jun. 1992, EUA. The Navy Department Library Disponível em: <https://www.history.navy.mil/content/history/nhhc/research/library/online-reading-room/titlelist-alphabetically/n/new-look-cuban-missile-crisis.html#barlow>. Acesso em: 25 jun. 2020.

WALTZ, Kenneth N. **O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WALTZ, Kenneth. Theory of International Politics. California: **Series in Political Science**, 1979. Disponível em: [https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/486328/mod\\_resource/content/0/Kenneth%20N.%20Waltz%20Theory%20of%20International%20Politics%20Addison-Wesley%20series%20in%20political%20science%20%20%20%201979.pdf](https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/486328/mod_resource/content/0/Kenneth%20N.%20Waltz%20Theory%20of%20International%20Politics%20Addison-Wesley%20series%20in%20political%20science%20%20%20%201979.pdf). Acesso em: 25 jun. 2020.

WIKIPÉDIA. **Mapa de Cuba mostrando o local da chegada dos rebeldes no Granma no final de 1956 e reduto dos rebeldes no Sierra Maestra**. 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Cubana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Cubana). Acesso em: 23 maio 2024.